

Tropas esquiadores norte-americanas nos Alpes francêsas

EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N. 8



O ALMIRANTE HALSEY

O TREMENDO ATAQUE CONTRA O JAPÃO

QUE está se realizando neste momento, com relação à guerra no Pacífico, é bem um acontecimento sem par nos anais da história, com a atividade a que se entregam várias nações no afã de fazer que este esforço nunca mais seja necessário. É gigantesca a concentração de esquadras, aviões e milhões de aguerridos combatentes saídos do teatro de operações na Europa para enfrentarem o inimigo no outro lado do mundo. É a vasta movimentação do teatro da guerra de um continente para outro. Em seu relatório apresentado ao Presidente Truman, o diretor da Mobilização de Guerra afirmou: "A guerra contra o Japão se intensificará durante um longo período. Não é de esperar que o inimigo esteja disposto a perder suas ilhas; far-se-á, portanto, necessário invadi-las com forças insuperáveis. Todos os nossos esforços fazendo a guerra e produzindo para a guerra devem continuar até a vitória final."

O Japão, apesar de lutar sozinho, ainda conta com dois elementos básicos valiosos: sua situação geográfica e o manancial humano. Nas ilhas imperiais ainda há combatentes em quantidade dispostos a morrer, como morreram seus compatriotas em Tarawa e Okinawa, numa luta fanática, desesperada. Um total calculado em quatro milhões de homens ainda está em armas no Japão, além de vários milhões de outros, prontos para o serviço militar.

Vencendo distâncias

Antes de poderem os aliados pisar pé nas ilhas de valor estratégico vital para o Japão, tiveram que vencer um tremendo obstáculo — o das distâncias no Pacífico. Os oficiais que delinham suas rotas, na imensa tarefa de transportar abastecimentos, bem sabem da vastidão dos mares que separam o Ocidente do Oriente. De Guam a Tóquio, por exemplo, são 1.500 milhas; de Guam ao Hawaii, 5.000 milhas, e do Hawaii a Nova York, mesmo pelo ar, é uma distância mais longa do que de Nova York a Londres.

Não obstante, a Alemanha ainda não havia capitulado, mas os primeiros milhões de homens já se movimentavam a caminho do Pacífico, na sua longa jornada com rumo a Tóquio. O transporte foi feito por aviões e por mar, diretamente para a sua concentração nas Filipinas. Os primeiros a seguiram foram as tropas a cargo da construção das vias de comunicações, de portos, bases e aérodromos para os combatentes que se prestavam para partir.

Outras tropas fizeram o percurso via Estados Unidos, onde iriam demorar-se num estágio de adestramento na tática da guerra no Pacífico. Dentro das tropas desse grupo destacavam-se as do Primeiro Exército, sob o comando do General Courtney Hodges, o primeiro a alcançar a costa francesa no memorável dia da invasão; o primeiro a invadir o território alemão, desbaratando a linha Siegfried e firmando a cabeça de ponte em Remagen; e ainda o primeiro a fazer contato com os russos, no rio Elba. Agora, estava entre os primeiros a serem transferidos da Europa para o Pacífico. Estas tropas tiveram 30 dias de licença. O General Hodges, ao regressar ao seu Estado natal,

(Continua)

← O terreno em Okinawa é ideal para a defesa dos japoneses, sendo preciso usar jatos de fogo para obrigar-los a sair das cavernas

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos da América do Norte. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estados Unidos da América. Reprodução das Colônias de Filadélfia, a 8 de abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de março de 1940, Ano IV, N. 8. Copyright 1945 by Business Publishers International Corporation — Propriedade literária registrada em 1945 pela Business Publishers International Corporation.



Milhares de combatentes, veteranos da campanha na Europa, estão passando pelos Estados Unidos, a caminho do Pacífico, na guerra contra o Japão

Georgia, foi alvo da maior manifestação popular jamais levada a efeito na capital, Atlanta. Dos combatentes que retornam da Europa, nem todos seguem para o Pacífico. Aquelos que têm mais tempo de serviço e os que têm dependentes em certo número, vão tendo baixa gradativamente. O transporte de tropas e equipamento assume proporções tão grandes que todos os navios disponíveis estão em constante serviço. Desde os pequenos cargueiros até os enormes e luxuosos transatlânticos, como o *Queen Elizabeth* e o *Aquitania*, fazem contínuas travessias do Atlântico. Uma frota área composta de 600 aviões transporta ativa a transferência das tropas, conduzindo milhares de homens por mês.

Segundo informa o Departamento da Guerra, o transporte das tropas que regressaram da Europa, durante a última guerra, num total de dois milhões de homens, absorveu um ano inteiro. Hoje, o problema é de transportar o dóbro desse total de combatentes da Europa para a América e conduzir grande parte deles por um percurso de 14.000 milhas até o teatro da guerra no Pacífico. A urgência é condição essencial, pois torna-se necesa-

sário não dar tempo ao inimigo para descansar ou reorganizar suas defesas. Incluindo as forças que deverão permanecer na Europa "afim de extirpar permanentemente qualquer ameaça de agressão nazista," o Exército espera ter em armas, até maio de 1946, um total de 6.968.000 homens. A Marinha, com maiores encargos do que nunca, conta dispensar do serviço um número relativamente reduzido de homens de mais de 42 anos de idade. Todo o elemento feminino servindo atualmente nos serviços auxiliares do Exército, Marinha, Infantaria de Marinha e Guarda da Costa, inclusive enfermeiras, continua a postos.

Até julho, a movimentação de tropas, ao longo da costa do Atlântico, desde o Maine até à Florida, dará ao povo americano uma impressão exata da grandeza do seu volume e dos recursos que exige. Os combatentes que em trânsito com destino ao Pacífico, devem partir para as frentes de batalha dentro de dez meses, incluindo neste tempo os períodos de folga e de adestramento. Por Chicago, St. Louis e Nova Orleans é constante o tráfego ferroviário, conduzindo tropas. Enquanto isto, a nação

[Continua]

Um soldado de infantaria de Marinha atacando o inimigo no "Vale da Morte", onde os fuzileiros americanos perderam 125 homens, numa batalha de oito horas



Os habitantes de ilha Okinawa não são japoneses. Aqui vemos os combatentes americanos acalmando e fazendo camaradagem com as crianças aterrorizadas



O dia da vitória na Europa foi de grande regozijo no resto do mundo, mas para estes soldados americanos, em Okinawa, foi um dia como outro qualquer

Uma cena comum na campanha de Okinawa: dois soldados norte-americanos, feridos, encaminham-se para a retaguarda, dirigindo-se para o hospital de sangue



Escondidos nas cavernas de Okinawa, os combatentes japoneses têm que ser arrancados um a um a ponta de baioneta e jato de fogo na encarniçada campanha





O monte Fujiyama, o marco natural mais sagrado do Japão, serve de guia para os bombardeiros norte-americanos em seus raides contra os japoneses

Combatentes norte-americanos em ligeiro repouso durante a marcha por uma estrada de Naha, capital de Okinawa, para atacar fortificações do inimigo

em pôs redobra suas atividades no esforço da guerra, satisfeita com o regresso das tropas do teatro europeu, mas profundamente cônscia do que ainda resta fazer na longa luta que se antevê no Pacífico. A produção de guerra deverá atingir, até novembro de 1945, o mesmo volume alcançado durante o período de produção máxima de 1943, sendo que, para certos artigos far-se-ão necessárias quantidades ainda maiores.

A Marinha, dando especial atenção à construção de porta-aviões, apelou para os construtores navais, urgindo redobradas atividades. Os estaleiros aliás já estão trabalhando mais horas por dia. O controle da tabela dos salários e as restrições estabelecidas pelo governo para manter ininterrupto o trabalho industrial bélico continuam em efeito.

As necessidades da guerra diretamente dependentes da cooperação do público são satisfeitas com o interesse que as mesmas despertam. Os *bancos de sangue*, por exemplo, estão com um movimento que atesta da perfeita compreensão do povo americano no sentido de salvar o maior número possível de vidas entre os combatentes feridos em combate. Em Nova York, de 800 a 1.000 pessoas apresentam-se diariamente para doar sangue, e em todas as demais cidades, as doações aumentam continuamente. A luta em Okinawa, só para citar um dos casos, consumiu tanto plasma nos hospitais de sangue, que foi urgente enviar maiores quantidades, usando aviões dos mais velozes.

A renovação dos efetivos militares continua a chamar às armas outras classes de conscritos. Contribuindo para substituir as vagas resultantes de mortes e ferimentos ocorridos em combate, e do desligamento de soldados com longo tempo de serviço, quase toda a quota composta de 60.000 jovens prestes a completar 18 anos de idade, já foi incorporada nas forças armadas. Generaliza-se assim, nos Estados Unidos, o uso de pequeninas bandeiras com estrelas designativas do número de membros de cada família que estão servindo nas frentes de batalha. As bandeiras com estrelas douradas designam os mortos.

O público americano, participando da escassez de alimentos que reina entre os povos libertados da Europa, e de modo a fazer que nada falte aos combatentes, prepara-se para ainda maiores racionamentos. Continuam intensas as campanhas para o aproveitamento de papel, de gorduras e muitos outros artigos. Aumenta a contribuição pública para o financiamento da guerra, por meio da compra de bonus. Estas contribuições em sangue, em trabalho e em vidas crescem significativamente com o concurso militar e o fornecimento de materiais da parte de muitas outras nações. Antes mesmo de terminar a campanha na Europa, unidades navais e



As grandes usinas siderúrgicas de Mitsubishi, em Kobe, a maior fonte de material bélico dos japoneses, ao serem bombardeados pela aviação americana

Longe do Japão, seus exércitos empenham-se em desesperada luta com os aliados. Aqui vemos tropas australianas na campanha de Tarakan, nas Indias

inglesas estavam lutando lado a lado nas águas de Okinawa e a aviação mexicana reunia-se às forças dos Estados Unidos nas Filipinas. A Inglaterra e outras nações aliadas reafirmaram a sua intenção de prosseguir cooperando na guerra até se verificar o completo colapso do inimigo no Oriente. Algumas nações enviam tropas; outras, navios, e outras, materiais.

Durante o ano passado, milhares de toneladas de matérias primas estratégicas foram embarcadas para os Estados Unidos, por via aérea, procedentes principalmente das outras nações americanas. Dentre êsses materiais destacam-se enormes fornecimentos de berilo, mica, tantalita, níquel, produtos medicinais anti-maláricos e muitos outros, menos conhecidos, mas de grande importância no esforço de guerra.

As nações do hemisfério ocidental, apesar de dependerem consideravelmente do comércio exterior para a sua prosperidade e estabilidade econômica, continuam suportando a crise dos transportes marítimos, causada pela urgência das necessidades militares. Conforme prevê o governo norte-americano, num de seus relatórios sobre o tráfego marítimo, "a situação tornar-se-á ainda mais crítica durante muitos meses em virtude dos abastecimentos militares para a campanha no Pacífico, do transporte de tropas que se acham na Europa e dos abastecimentos para as áreas libertadas."

O Departamento da Guerra explicou gráficamente a distribuição do tráfego marítimo que está absorvendo tantas unidades mercantes agora impossibilitadas de atenderem às necessidades do comércio. O Departamento acentua o fato de serem as linhas de abastecimentos para o Oriente tão longas "que se torna necessário usar três navios cargueiros para fazer um serviço que entre a América e a Europa foi feito por um navio apenas. O transporte de uma divisão blindada, por exemplo, exige nada menos de 15 navios cargueiros do tipo *Liberdade*."

Todos esperam humanamente a rendição incondicional partida dos próprios chefes do militarismo japonês como o meio mais expedito de terminar a guerra. Mas poucos contam com a possibilidade de se verificar tal ocorrência, apesar de benvinda. O sub-Secretário de Estado Joseph Grew, que durante dez anos foi embaixador no Japão, julga que os líderes japoneses farão a nação a lutar, como a Alemanha, "até o trágico fim." O Presidente Truman, concitando a nação ao extremo esforço, declarou: "Podemos nos desobrigar da dívida que temos para com o nosso Deus, os nossos mortos e os nossos filhos únicamente pelo trabalho, pela contínua devoção às responsabilidades que nos aguardam. Apelo para todos os americanos para que continuem firmes em seus postos até à vitória".



Para Uma Vida Melhor

"M

ONUMENTO ao progresso" — é o nome que melhor se aplica ao projeto de construção de habitações baratas, apartamentos que estão sendo construídos num ponto da cidade de



Nota-se à entrada uma decoração característica da tradicional graça do belo estilo venezuelano

As novas habitações vistas de um ponto que se desconta da Academia Militar, nos arredores

Caracas, na Venezuela, onde, poucos anos antes, existiam as casas mais pobres. Três mil operários estão dando os últimos retoques na obra que, uma vez terminada, proporcionará moradia, a preço módico, a centenas de trabalhadores e suas famílias. A iniciativa é considerada na Venezuela como manifestação essencialmente prática da nova era em que entra a nação e, ao mesmo tempo, como um exemplo que há-de frutificar, trazendo melhores condições de vida para o povo.

A obra foi projetada há quatro anos, quando o crescimento da população de Caracas assumiu proporções extraordinárias e o governo compreendeu que a escassez de habitações estava se agravando de modo alarmante. Mas, já vinte anos antes, à medida que o país ia se desenvolvendo econômicamente, a ideia estava medrando entre os administradores que antevizavam a grande necessidade.

Em 1925, os trabalhos em exploração de petróleo aumentaram consideravelmente na região do lago de Maracáibo. E cinco anos mais tarde, a exploração que se desenvolveu na parte oriental do país, juntamente com a daquele lago, veio colocar a Venezuela entre os maiores produtores de petróleo do mundo, ultrapassada unicamente pela Russia. Como era natural, a nova riqueza refletiu uma poderosa influência na vida nacional. A construção de modernas rodovias, de escolas e hospitais, que se iniciou em grande escala, em 1935, mais a criação de novas indústrias e de empresas comerciais, atraiu, com o aumento de salários, uma multidão de gente do campo e das zonas rurais para os maiores cen-

tos de população. Caracas, que estava aumentando constantemente de população, viu-se superlotada, sofrendo, em consequência, uma crise de habitações que se agravava sempre.

A fim de solucionar o problema, o governo criou o Banco Operário, com atribuições para projetar, superintender e financiar a construção de habitações populares. O programa entrou em execução com franco entusiasmo e, até agora, já foram construídas 400 casas em cinco novos bairros da capital. Mas desde logo se verificou que a medida não satisfazia as verdadeiras necessidades.

Foram então projetadas obras de ainda maior escopo, arrazando-se completamente o bairro pobre denominado El Silencio, levantando-se no local um conjunto de habitações modernas sob todos os pontos de vista. O bairro, de há muitos anos era uma das piores *favelas* da capital venezuelana, foco agudo de uma miríade de problemas sociais, dos quais a falta de higiene levava a palma a todos os demais. Conta-se que o atual presidente da Venezuela, general Isaías Medina, quando simples tenente, já manifestava, como seu maior desejo, apagar da capital do país aquele hediondo ponto negro.

Metamorfose urbana

O Banco Operário obteve um empréstimo de dois milhões de dólares do Banco de Importação e Exportação dos Estados Unidos, para ampliar o seu próprio capital e levar a efeito a realização do grandioso projeto. Feita a operação de crédito, deu-se início aos trabalhos de demolição dos inúmeros caserões imprestáveis do bairro. Houve a feliz circunstância de dispor o país de grande estoque de material de construção, de aço, importado dos Estados Unidos antes do rompimento das hostilidades no Pacífico. Faltava, porém, canos para a água potável e fios para as instalações elétricas. A dificuldade foi, entretanto, solvida graças à cooperação da Administração Econômica no Exterior, entidade do governo dos Estados Unidos.

O antigo e feio bairro passou por uma completa e surpreendente metamorfose. Transformou-se em enorme praça rodeada de casas de apartamentos, das quais já estão terminadas três grupos, imediatamente ocupados. Os edifícios são separados por espaçosas avenidas que se ligam com as rodovias La Guaira e Valencia e com as ruas principais da cidade.

Há ainda o plano de rasgar uma artéria bastante larga, que, partindo do renovado bairro, corte a cidade, indo terminar no bairro e parque de Los Caobos, no extremo oriental da capital. É um plano que, ademais de embelezar a cidade, facilitará o intenso movimento de veículos que atualmente congestionam as ruas.

O novo núcleo residencial atrai a atenção pela sua beleza arquitetônica, sendo autor do projeto o aclamado arquiteto venezuelano Carlos Villanueva. É uma obra que se distingue pela felicidade com que combina o estilo típico venezuelano com os traços do modernismo prático. Cada grupo de apartamentos tem um pátio interior e um corredor em forma de claustro, sustentado por elegante colunata. Todas as habitações são dotadas de janelas e balcões que dão para o pátio e para a rua. Os apartamentos são amplos, claros e bem ventilados. As crianças estão em liberdade para brincar nos pátios internos, sem o perigo de serem atropeladas pelos automóveis que passam incessantemente pelas ruas. O traçado dos apartamentos varia, mas, em todos, a entrada é geralmente por um vestíbulo



Nos pátios internos, verdadeiros "play grounds", as crianças podem ficar livres dos perigos das ruas

ao qual se comunicam todas as habitações. O aposento central e maior pode servir de sala de estar e de sala de jantar. Os aposentos que lhe ficam ao lado são os quartos de dormir, com janelas para fóra. No extremo do vestíbulo há outro quarto de dormir, menor. À esquerda fica a cozinha e, a lado, o banheiro. A cozinha é modernamente aparelhada, dispondo também de um pequeno compartimento, com tanque de lavar roupa. Comunica-se com o pátio interior.

O detalhe mais notável de moderna construção é o grande refrigerador coletivo, instalado numa sala subterrânea. Os moradores poderão comprovar as vantagens de conservar os legumes em perfeitas condições por longo tempo, e de aproveitar a comida que sobra, do que resulta melhor alimentação para todos, sobretudo para as crianças. Cada edifício tem um encarregado que se incumbe da sua limpeza e conservação, serviço que também se estende aos próprios apartamentos. A modicidade dos alugueres é notável, representando uma redução de quase vinte por cento da média cobrada às classes menos abastadas, e com a vantagem de serem habitações modernas e ótimamente instaladas. A acolhida que o plano tem merecido pode ser

Há, por exemplo, preferência às famílias numerosas, e no caso de haver duas famílias pretendentes, com o mesmo número de filhos, a mais pobre é favorecida. Se ambas as famílias têm a mesma renda, a preferência cabe àquela cujos filhos forem de idade menor.

O bairro de El Silencio, em Caracas, constitui, portanto, um exemplo para todo o continente, mostrando o que pode ser realizado quando o governo e o povo se esforçam em perfeita harmonia para a solução do problema que mais reflete a necessidade do homem e sua família — o da habitação que reuna as melhores condições de conforto, de higiene e modicidade de preço. Na Venezuela acredita-se, e com bastante razão, que essa obra será, depois da guerra, um verdadeiro modelo a ser seguido em toda parte para elevar o nível da vida da grande massa dos que trabalham para garantir uma subsistência digna.

Nas longas e amplas avenidas destaca-se a influência do tradicional estilo conventual hispano



NOVOS HORIZONTES PARA AS CRIANÇAS ALEIJADAS

Há em Montevideu uma escola que tem muito em comum com as modernas escolas primárias em qualquer parte. Sua única e importante diferença, porém, tem despertado atenção em todas as Américas. A escola tem salas de aulas decoradas apropriadamente, onde os alunos todos os dias entregam-se às tarefas do programa: leitura, aritmética, história, etc.

As horas de aula são distribuídas pela manhã e por um período depois do almoço. Mas durante a tarde, as crianças, uma de cada vez, vão para uma sala dotada de mesas alcochoadas, onde repousam enquanto especialistas em fisioterapia exercitam os seus delicados músculos e tendões afetados por paralisias ou espasmos. Neste centro de educação e reabilitação, denominado Escuela de Enseñanza Primaria y Corrección Motriz, cada aluno estuda e se diverte nas horas de recreio na companhia de colegas, como é, afilidos por alguma enfermidade. Entre as crianças, todas são consideradas iguais. Seus respectivos defeitos físicos não mais importam. Depois de algumas semanas, ficam esquecidos e, em devido tempo, poderão até ser parcialmente corrigidos.

Esta extraordinária instituição, já no seu terceiro ano de existência, está atraindo professores e alunos procedentes de várias repúblicas americanas. Os professores, depois de graduados no curso desta especialização, vão aplicar a técnica em escolas de seus próprios países. A diretora da escola, Sra. Marsi Lusiardo antevê a criação de escolas similares em várias metrópoles da América. Esta primeira, do Uruguai, está relativamente começando, e a sua fundação recebeu decidido apoio da classe médica da república cisplatina. Quando a sua diretora apresentou o projeto da escola, já era bastante acentuado o interesse de remediar a situação de numerosas crianças aleijadas. A Sra. Lusiardo, depois de concluir seus estudos em Montevideu, recebeu uma bolsa de estudos, indo cursar a Universidade do

Durante a tarde, algumas crianças entregam-se aos variados afazeres de jardinagem, enquanto que outras repousam, beneficiando-se dos saudáveis raios solares



A sede da escola da Senhorita Lusiardo, para crianças aleijadas, em Montevideu, notável pela sua obra de reabilitação infantil

Texas, nos Estados Unidos. Ali se especializou em educação e reabilitação física, o que de muito lhe serviu para o sucesso de sua escola. Foi, porém, o Dr. Justo Gonzalez, representante uruguaião junto à União Panamericana, quem primeiro lembrou à Sra. Lusiardo a importância social do tratamento dos incapacitados fisicamente por paralisias, e a possibilidade de estabelecer para elas, no Uruguai, um centro de reabilitação física.

A Sra. Lusiardo decidiu então aprofundar seus estudos a respeito, fazendo cursos especializados na Universidade da Califórnia e numa escola para aleijados, em Easthampton, perto de Nova York.

Após prolongado período de estudos nos Estados Unidos regressou à sua pátria, tratando imediatamente de expôr suas idéias sobre a fundação da escola a proeminentes membros da classe médica. Recebido com verdadeiro entusiasmo, seu plano realizava-se, afinal, em 1942, quando se inaugurou oficialmente a escola que iria trazer novas esperanças para crianças aleijadas e seus pais, ansiosos de poderem contar com os recursos da ciência.

Com a fundação da Escuela de Enseñanza Primaria y Corrección Motriz, surgiu também a Associação Nacional para el Niño, constituída por importantes elementos da sociedade uruguaiã. Numerosos médicos ofereceram seus serviços profissionais à causa, assim como muitas senhoras que se prestaram a cooperar em tudo quanto estivesse ao seu alcance. Como os alunos pagam únicamente o que está estritamente dentro de suas posses, foi necessário apelar para contribuições generosas. A resposta ao apelo não se fez esperar: uma empréssia de laticínios prontificou-se a fornecer o leite; várias firmas contribuíram com gêneros alimentícios; muitos particulares entraram com dinheiro, com peças de mobiliário e inúmeros artigos úteis à instituição, havendo ainda a oferta de entradas grátis para estabelecimentos de diversões afim de animar o espírito das crianças, e condução para as praias de banhos.

Uma comissão técnica, composta de médicos assistidos por enfermeiras especialistas forma o núcleo orientador no tratamento levado a efeito pelos professores. Numerosas moças de várias outras repúblicas americanas estão fazendo curso de especialização do tratamento na escola uruguaiã, cujas atividades deverão expandir-se consideravelmente, necessitando maior número de auxiliares, conforme os planos estabelecidos. O interesse pelo tratamento é cada vez maior, bastando citar o fato de estarem matrículadas 32 crianças e haver uma lista de 300 candidatas à espera de vaga.

O curso de preparação das professoras requer um período de três anos. É um curso completo, teórica e praticamente, abrangendo toda a técnica desenvolvida nesta ciência comparativamente nova, cuja aplicação está em franco desenvolvimento nos países da América.

Das matérias do curso de especialização das professoras ou fisioterapeutas constam a análise do movimento, cistologia, histologia, embriologia, psicologia, fisiologia e anatomia; prática e observação na escola, endocrinologia, ortopedia, psiquiatria, bacteriologia e parasitologia; nutrição, massagem, higiene e pedagogia. Em geral, o programa absorve 17 horas de aulas por semana, com meio dia ou mais dedicados à prática na escola de crianças paralíticas.

As crianças seguem uma forma de tratamento no qual se dá especial atenção ao aspecto ocupacional, tornando-as assim alheias a preocupações resultantes dos seus defeitos físicos; ao mesmo tempo, prestam-se para facilitar o estudo e aplicação da técnica de tratamento melhor indicada. O ambiente escolar é de modo a causar nas crianças uma impressão de completo repouso espiritual, permitindo que se entreguem a seus afazeres com inteira satisfação. Na aula de leitura, por exemplo, as crianças sentam-se em redor de uma mesa côr de laranja, em cadeiras azuis. A professora fala em voz alta e, de vez em quando, faz perguntas. Várias crianças respondem imediatamente, cada qual mais interessada em dar sua opinião. Há frequentemente risos, animando a satisfação que reina entre todos. A não ser pela parte referente à fisioterapia, o programa escolar é o mesmo adotado nas demais escolas primárias. A vida destas crianças não se ressente de qualquer efeito chocante durante as aulas, pois o objetivo escolar é reabilitá-las o mais possível, física e psicológicamente.



A hora da merenda da tarde, de bolos e maltose, no refeitório de interessante decoração. Uma das assistentes ajuda uma menina que se acha incapacitada

Numerosos jogos e recreações servem para despertar o interesse das crianças. Na gravação vê-se a Senhorita Lusiardo participando num jogo

A Senhorita Lusiardo está em constante contato com todas as crianças, explicando-lhes minuciosamente as vantagens do respectivo tratamento





O centro comercial, situado na rua principal de Independence, é característico das pequenas cidades na região dos Estados centrais dos Estados Unidos

Uma Pequena Cidade

A bem situada Farmácia Brown é o centro popular de reunião quotidiana, onde há sempre um grupo trocando idéias e comentários sobre variados assuntos



QUE SIMBOLIZA AS FONTES DE ENERGIA E DE LIDERANÇA DUMA NAÇÃO

ENAS pequenas localidades do interior que se encontram vários dos traços mais característicos de uma nação. E' aí, na vida relativamente tranquila, no ritmo invariável de um trabalho mais próximo da própria terra, que se apuram as noções mais firmes sobre muitos aspectos que tanto interessam a nação inteira. E esta, frequentemente, vái se abastecer nas zonas rurais, nas pequenas vilas e cidades, do elemento humano de que precisa para reger seus destinos em muitas atividades das quais sobreleva de importância a de presidente da República, como no caso dos Estados Unidos. A pequena cidade de Independence, no Esta-

Esta é a casa de residência particular do Presidente Truman. Seu estilo, dotado de amplos páticos, é o predileto nas construções na zona do centro-oeste



O prefeito da cidade, Roger T. Sermon (à direita), também é comerciante. Depois das horas do expediente, volta a assumir a direção de sua casa de negócio



Como a maioria das pequenas cidades americanas, Independence também tem sua indústria de guerra: uma pequena fábrica de munições da Remington Arms Co.

O edifício da justiça local (em baixo) foi reconstruído e modernizado pelo Presidente Truman, durante o tempo em que foi juiz do respectivo município



do de Missouri, situada no cerne do continente norte-americano, destaca-se como uma dessas ativas células da nacionalidade, desprevenidas em apariência, mas muito expressivas na sua existência, fiel às suas tradições de labor e progresso. Terra de gente simples, Independence agora destaca-se por ser o berço do presidente.

Sua situação geográfica a colocou na encruzilhada de intensa atividade quando a nação estava crescendo, expandindo para o oeste. Apesar do seu aspecto calmo, com suas ruas pontilhadas de árvores frondosas, seus habitantes ainda revelam a energia e operosidade que distinguiram seus antepassados, quando estes se estabeleceram em pleno oeste e edificaram a vila que mereceu o expressivo nome de Independence. Eram colonos procedentes de Kentucky, Tennessee e Virginia, gente de trabalho árduo, que, durante o período de expansão, ia em busca de terras baratas e férteis. Seu indômito espírito, já afeto a todos os rigores da luta pela existência, venceu dificuldades sem conta, antevizando a satisfação de um lugar permanente.

(Continua)

O Bureau de Agricultura do Município de Jackson, na cidade de Independence. Presta assistência técnica aos agricultores, sendo o maior de Estado de Missouri





A papelaria e livraria local é o ponto de convergência dos colegiais que ali encontram todo o material necessário para os seus variados trabalhos escolares

nente, produtivo e compensador. Naquela época as mercadorias eram transportadas pelo rio Missouri, com destino às pequenas localidades que se estabeleceram a distante fronteira. Uma vez descarregadas, seguiam por terra, pelo interior a dentro, até Independence, de onde prosseguiam para o extremo oeste e o sudoeste, por velhas estradas como a de Santa Fé e a do Oregon.

Independence era assim um centro de ligação e de recursos maiores, onde os ferreiros estavam sempre ativos, dando os últimos retoques nas carroças e diligências daqueles que se aventuravam em caravanas buscando terras ainda desbravadas. Hoje, os habitantes de Independence costumam comemorar os feitos de seus antepassados como o faziam antes os antigos aventureiros com o seu Dia dos Colonizadores, revivendo memórias que lhes eram sempre gratas e estimulantes.

Neste festival, realizado em certos anos especialmente designados, os habitantes de Independence vestem-se à caráter, com roupagens da época, põem barbas postiças, enfim, vivem os costumes dos primeiros colonizadores, aqueles que tanto se esforçaram para fazer do oeste descampado uma das regiões mais ricas e produtivas da nação, e um símbolo de tremenda persistência e de espírito de iniciativa.

Sua vida atual

Situada agora a pouca distância da grande metrópole de Kansas City, que lhe fica a 25 minutos de automóvel, Independence goza de uma tranquila existência, como pequena cidade manufatureira e sede da administração do Município de Jackson. De seus 16.000 habitantes, muitos trabalham nas cidades adjacentes. A indústria local conta com um grande moinho de farinha de trigo, uma fábrica de ferramentas e uma fábrica de munições, agora das mais ativas no esforço de guerra.

Como acontece com quase todas as cidades pequenas, o centro de maior movimento de Independence localiza-se na praça fronteira ao edifício do Tribunal de Justiça, para onde convergem as casas comerciais, os armazéns de comestíveis, os bancos e os hoteis. Foi no Tribunal de Justiça que o Presidente Truman dedicou dez anos de constante atividade como juiz, antes de ser eleito senador da República. Um dos mais assíduos na convivência com o antigo juiz Truman era William Southern Jr., o jornalista, que ainda é o



Senhoras que fazem parte da organização para ajudar no esforço de guerra (à esquerda) dedicam voluntariamente algumas horas diárias na preparação de gazes e ataduras para os combatentes. A cidade também contribui para auxiliar os povos libertados. Na gravura abaixo vê-se um aspecto do depósito



A escola secundária de Independence, situada no local da antiga escola que o Presidente Truman frequentou, quando menino. Na ilustração abaixo estão alunas divertindo-se durante uma hora vaga, tentando uns passos de dança moderna ao som de um fonógrafo. Sorvetes e refrescos amenizam a dificuldade

diretor do *The Independence Examiner*, o jornal local mais importante. Ia tratar de assuntos de interesse da comunidade e do Estado, ao mesmo tempo que colhia notícias para o seu diário. Este, bem tipifica o jornal de cidade pequena, dando especial realce aos menores detalhes da vida local, os nascimentos, os casamentos e aniversários; às notícias da guerra, com particular referência à lista de mortos e feridos, enaltecedo aqueles que pertencem a famílias da cidade, enfim, acentuando os acontecimentos que refletem as alegrias e os pesares da população.

A vida social da cidade centraliza-se essencialmente nas atividades religiosas e escolares, além dos clubes e outras organizações. Con quanto seus habitantes encontrem em Kansas City bons teatros, um de ópera, grandes cinemas, museus, etc., há natural preferência pelas diversões locais, pelos festejos improvisados e pelas festividades escolares, organizadas durante o ano letivo e no fim do curso.

Independence é essencialmente uma pequena cidade residencial. Suas casas conservam o tradicional estilo, preferido desde os tempos do seu desenvolvimento. Há poucas casas modernas de apartamentos; as moradias próprias constituem a maioria. A um quarteirão de distância do local onde está o edifício da escola pública, dotada de todos os petrechos modernos, fica a residência da família Truman, uma ampla casa de elaborada arquitetura, construída em 1880. Todos os membros da família frequentaram a escola próxima.

Foi nesta escola que a professora, Miss Mathilda Brown, há muitos anos, costumava dizer aos seus alunos que, para ela, a maior satisfação era vê-los triunfar na vida, justificando os esforços despendidos durante os estudos escolares sob sua direção, que constituem a base de qualquer atividade futura. Recentemente, Miss Brown, que já está aposentada, recebeu um telefonema de um de seus antigos alunos, que desejava ter notícias pessoalmente e relembrar velhos tempos. O ex-aluno era Harry Truman, que deixara a vida da sua pequena cidade de Independence para assumir o cargo de senador e posteriormente o de supremo Chefe da Nação.

Mrs. Matilda Brown, agora aposentada, antiga professora do Presidente Truman, acompanha com especial interesse a carreira do seu ex-discípulo



O Almirante William F. Halsey

E OS RESULTADOS DA
SUA MODERNA TÁTICA



O Almirante W. F. Halsey Jr., comandante de 3a. Esquadra, subindo para a torre de comando

O Almirante Halsey, com sua simplicidade proverbial, dá uma entrevista aos correspondentes de guerra junto às forças navais em operações no Pacífico



Durante o percurso na condução de bordo, o almirante, em companhia de seus assistentes, expõe com característica franqueza as suas idéias



Há uns doze anos, o comandante de um destroier da esquadra dos Estados Unidos se certificou de que o aeroplano, mesmo naquela época, já estava obrigando a uma alteração radical na tática naval. Decidido a contribuir para que sua pátria ficasse na vanguarda das inovações, o comandante, apesar de ter 50 anos, quis aprender a voar.

As autoridades navais ficaram um tanto indecisas, quando o referido comandante, William F. Halsey Jr. apresentou-se para a matrícula na escola de aviação de Pensacola, na Florida. O limite de idade para os cadetes era de 31 anos e o comandante tinha 51. Além disto, sua vista estava abaixo das condições estabelecidas pelo regulamento. Contudo, ficou decidido matriculá-lo únicamente para fazer o curso de observador. Mas, pouco depois, o comandante Halsey conseguiu obter permissão para assumir os comandos de um avião. Após doze horas de instrução, o oficial surpreendia os instrutores com a sua habilidade de aviador. E não tardou muito que, terminado, afinal, o seu curso de aviação obtinha ele o seu ansiado *brevet*.

Hoje, o almirante Halsey é comandante da formidável Terceira Esquadra dos Estados Unidos. E já comprovou a sua fé na arma aérea ao levar a efeito uma série de batalhas navais das mais renhidas, nas quais a sua ousada tática foi coroado do maior sucesso.

Estas grandes vitórias, como o ataque de surpresa nas águas das ilhas Marshall e Gilbert; a campanha no arquipélago das Salomão; a invasão de Bougainville; as operações no arquipélago de Bismarck; o assalto contra as Palaus; a segunda batalha da baía de Manilha; as sensacionais vitórias em Leite e a invasão de Okinawa, obrigaram numerosas unidades inimigas a fugir, procurando esconderijo por toda parte, e abriram completamente as rotas que vão ter a Tóquio. E, sob a direção de Halsey, a frota composta de porta-aviões tornou-se a arma naval de ataque por excelência na campanha do Pacífico.

O almirante, agora com 62 anos, portador da Cruz Naval por serviços distinguidos durante a

última guerra, pouco se refere a esses feitos. Para ele há duas coisas tão detestáveis como os próprios japoneses: publicidade pessoal e aparecer em público. Não obstante, Halsey já se tornou uma figura lendária nos círculos navais, sendo, com especial merecimento, um dos heróis mais populares dos Estados Unidos. Apesar de ser um dos almirantes mais avançados em idade na Marinha americana, é dos mais ativos e diretores do seu avião pelo menos uma vez por semana.

Halsey pertence a uma família de tradições radicadas na Marinha. Seu pai era tenente, quando o jovem William preparou-se para a matrícula na Escola Naval de Anápolis. Tardando, porém, a sua entrada, por uma questão de vagas, Halsey foi estudar medicina durante um ano, na Universidade de Virgínia. E teria sido hoje um médico, se sua mãe não tivesse insistido junto ao Presidente McKinley para a matrícula de seu filho na Escola Naval.

O grande tático

Em Anápolis, Halsey distinguiu-se nos estudos e nos esportes. E quando já cursava o Colégio de Guerra Naval, deu excelentes demonstrações de sua habilidade para sugestões táticas originais, muitas das quais estão lhe servindo agora para aniquilar sistematicamente o poder naval japonês. Sua fórmula é a do "ataque firme, rápido e frequente". Quanto às suas vitórias, ele assim as justifica: "Procuro sempre fazer exatamente o oposto daquilo que o inimigo espera; e tudo que fazemos procuramos fazer rapidamente."

Não poderia ter ficado melhor demonstrado o valor desta técnica do que no ataque contra as ilhas Marshall e Gilberts, levado a efeito poucas semanas depois de terem os japoneses atacado Pearl Harbor e proclamado a *destruição* da esquadra dos Estados Unidos. Pouco antes do amanhecer do dia 31 de janeiro de 1942, Halsey dirigiu uma frota de ataque contra as ilhas de corais fortificadas pelos japoneses. Uma esquadilha de bombardeiros de mergulho rompeu o ataque, no luso-fusco da madrugada, mantendo

o bombardeio o dia todo. Ao terminar, os japoneses tinham perdido 38 aviões, 16 naviros e sofrido danos irreparáveis em suas instalações militares. As forças atacantes perderam 13 aviões apenas. Esta foi a primeira grande vitória dos Estados Unidos no Pacífico.

Quando nas atividades de seu cargo, Halsey não admite formalidades. Na ponte de comando do seu navio capitânea, usa uniforme cáqui, com a gola aberta. Em tempo chuvoso, põe a simples jaqueta de couro, marcada — "Almirante W. F. Halsey". Durante uma de suas visitas de inspeção a Guadalcanal, o almirante, de uniforme que pouco se destacava entre os que o acompanhavam, insistiu em ficar sentado no seu automóvel *jeep*, para evitar que lhe fizessem a continência. Por isso, poucos fuzileiros navais souberam que o almirante estava na ilha. Franco e comunicativo, Halsey trata os seus comandados pelo nome de batismo e gosta de trocar idéias com eles sobre os seus planos de batalha. Delega plenos poderes áqueles que lhe merecem confiança e não hesita em assumir a responsabilidade quando algum comete erros.

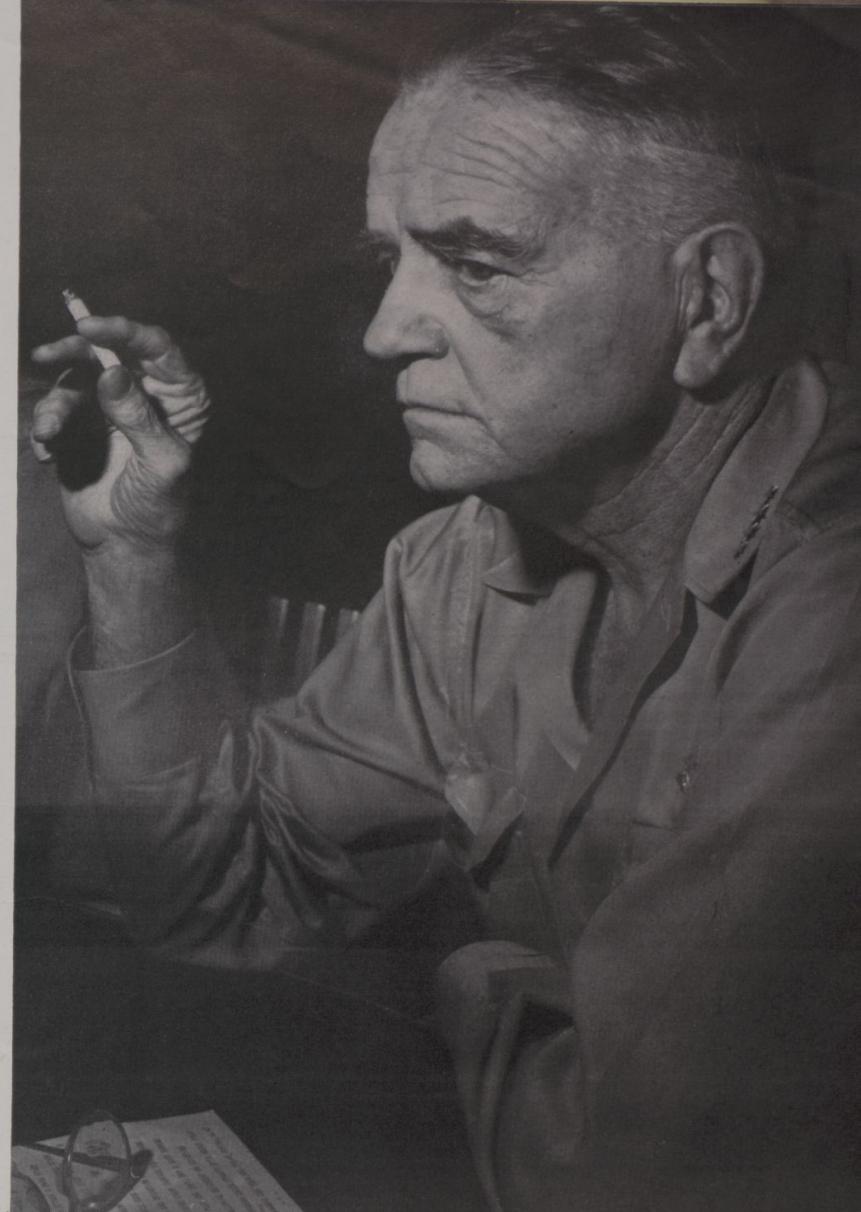
Em novembro de 1943, o saudoso Presidente Roosevelt, com aprovação do Congresso, promoveu Halsey ao supremo posto de almirante. Foi uma ocasião memorável, pois, a Marinha tradicionalmente nunca teve mais de quatro almirantes em serviço ativo; Halsey foi o quinto. De acordo com as próprias palavras do presidente, o almirante demonstrara "serviços distinguidos e uma extraordinária e audaciosa habilidade" contra o inimigo.

A esse tempo, Halsey havia derrotado a esquadra japonesa ao largo da ilha de Savo, no Pacífico meridional. Ao ser informado da sua promoção, mandou retirar, solenemente, as três estrelas que até então constituiam o distintivo do seu posto de vice-almirante, para enviá-las como expressiva homenagem às famílias de dois de seus comandados mortos em ação na batalha de Savo. "A elas devo a minha promoção", declarou o almirante.

Halsey trabalha intensamente e espera o mesmo esforço daqueles que servem sob seu comando, no que aliás é correspondido de bom grado. Seu dia começa às 5.30. Toma um café, fuma um cigarro — o primeiro dos 40 diários — e às 7.30 faz ligeira refeição. Quando está trabalhando em terra, vai a pé para o seu gabinete, onde chega geralmente às 8.30. Depois de ler os comunicados diários, sobre operações de guerra, reúne seus assistentes e demais oficiais em conferência, geralmente de 45 minutos.

O grande tático naval, portador da medalha de Serviços Distinguidos, num expressivo instante apanhado durante suas cogitações, a bordo do seu capitânea, um dos grandes navios porta-aviões

O Almirante Halsey recentemente na intimidade da família. Na fotografia abaixo vêem-se sua esposa; sua progenitora, Sra. Anne M. Brewster; sua filha, Sra. Preston Lea Spruance e três netos





Terminado o período de luto oficial pela morte do Presidente Franklin D. Roosevelt, as bandeiras das Nações Unidas voltam a tremular a toda hast

FORTALECENDO A PAZ

Veteranos da guerra, feridos em combate, assistem a uma das sessões plenárias da momentosa conferência, interessados na paz pela qual se bateram



Os acontecimentos mundiais trouxeram novos e urgentes problemas para os delegados à Conferência das Nações Unidas reunidos em San Francisco, cada problema acen- tuando os difíceis encargos que ora defrontam a organização internacional destinada a manter e garantir a paz.

A despeito de várias questões complexas surgidas durante o curso dos trabalhos, e que bem caracterizam o momento que atravessamos, os delegados entregaram-se com decidida disposição aos trabalhos, durante longas semanas, animados pelo desejo de verem seus esforços coroados de pleno sucesso.

A rendição incondicional da Alemanha ocorrida durante o período das sessões da conferência foi justa causa de regozijo geral entre os delegados. Foi a realização de um ansiado desejo de mais de cinco anos; mas o fim da guerra na Europa trouxe inevitavelmente vários problemas de ordem política e econômica, exigindo a pronta atenção dos estadistas aliados.

Em meio da satisfação causada pela cessação das hostilidades no teatro europeu da guerra, havia, entretanto a profunda realidade da continuação da luta contra o Japão, luta que promete ser prolongada e cruenta até a completa derrota do inimigo. A destruição e o caos existentes ao tempo da terminação da guerra na Europa serviram para lembrar a todos da necessidade da obra de reconstrução e reabilitação, a qual, pelas suas gigantescas proporções demanda a atenção e os esforços de



Os promotores da conferência: Anthony Eden, da Inglaterra; Stettinius, dos EUA.; Molotov, da Rússia, e Soong, da China. Os presidentes de comissões (à dir.): H. Rolin, da Bélgica; C. Parra Pérez, da Venezuela; J. C. Smuts, da África do Sul, e T. Lie, da Noruega



mundo inteiro, ao mesmo tempo que se apresenta como expressivo e impressionante exemplo do que compete fazer para evitar que um outro cataclisma venha destruir dum a vez as árduas conquistas da civilização. Apesar das naturais dificuldades a vencer na preparação de uma carta fundamental para servir aos desígnios de uma organização destinada a garantir a paz mundial, documento a ser aceitável pelas 49 nações representadas, todos estavam certos de que o sucesso da organização na manutenção da paz dependia primariamente do desejo das nações de fortalecer com o seu apoio a constituição que, por seu turno, iria fortalecer a paz.

"Nada mais podemos fazer em San Francisco," declarou o Sr. Edward R. Stettinius Jr., Secretário de Estado dos EUA, "do que estabelecer a base constitucional sóbre a qual possa o mundo viver em paz." E referindose à carta constitucional que já ia tomando forma, consoante os métodos democráticos de discussão plena e de acordos vizando o interesse geral, adiantou: "Será um documento dotado de poder bastante para obstar a agressão e para melhorar as condições econômicas e sociais que dão causa às guerras. Será democrático no sentido de leaer às nações e aos povos em tóda parte, a satisfa-

(Continua)

Os delegados (à direita) fazendo o registo ao entrarem para a conferência. Na gravação abaixo: Durante uma das sessões da Comissão Executiva sob a presidência do Secretário de Estado Stettinius, dos Estados Unidos, que se vê no extremo da mesa oval





Delegados dos Estados Unidos (da dir. para a esq.): A deã Gildersleeve e os Srs. Bloom, Connally, Stettinius, Vandenberg, Eaton e Strassen



O presidente da delegação mexicana, Dr. Ezequiel Padilla, Secretário dos Relações Exteriores do México, acompanhado de sua esposa e dos cinco filhos

A ilustre educadora venezuelana, Sra. Perez Diaz, delegada à conferência, ao chegar, de avião, com sua filha, Senhorita Lucila Perez Luciani



O ministro Pedro Leão Veloso, chefe da delegação brasileira faz a dedicação de uma placa em memória do Presidente Roosevelt, num jardim



ção decorrente da aplicação de uma justiça igual para todos, consagrando assim os direitos e as liberdades humanas." Ao elaborarem a constituição, os delegados tinham um modelo para se orientar, as propostas de Dumbarton Oaks, as quais foram submetidas e recomendadas pelas potências que promoveram a Conferência de San Francisco — os Estados Unidos, a Inglaterra, Rússia e China. Mas estas propostas serviam apenas para encaminhar as discussões; aos delegados das 49 Nações Unidas competia considerá-las, estudá-las e melhorá-las no que fosse possível.

Das propostas e sugestões apresentadas por delegados das nações, grandes e pequenas, durante a redação da carta, resultaram consideráveis melhoramentos em muitas das disposições contidas no seu texto. A conferência tomou em particular consideração a experiência e as tradicionais aspirações das nações americanas em matéria de cooperação regional e mundial a bem dos interesses da paz. Estadistas das nações deste hemisfério foram eleitos para importantes comissões de estudo da conferência, tendo ocasião de analisar e atuar sobre matéria pertinente a numerosas propostas e questões surgidas no decorrer dos trabalhos da redação da carta constitucional. Outros estiveram ativos tratando de conciliar interesses divergentes, naturais na gigantesca obra em que estão empenhadas 49 nações, cada qual perfeitamente cônscia de suas obrigações e responsabilidades para com seus respectivos povos.

Uma das questões mais difíceis durante a conferência e que também interessava sobremodo às repúblicas americanas foi a referente à adaptação do sistema regional interamericano aos objetivos da organização mundial. A despeito de certas dificuldades, chegou-se a um acordo pelo qual o sistema interamericano é mantido dentro da estrutura da referida organização. A fórmula regional dá plena liberdade de ação ao sistema interamericano no que concerne à solução de disputas dentro do hemisfério ocidental, sem despojar a organização mundial de qualquer de seus poderes ou funções atinentes à manutenção da paz. No caso de disputas que envolvam as nações americanas, aplicar-se-á o sistema regional aprovado de acordo com a Carta de Chapultepec, assinada este ano na Conferência do México. E este é um documento modelar de cooperação.



Discutindo problemas da conferência. (Da esq. para a dir.); Plaza Lasso, do Equador; Rockefeller, dos EE.UU.; B. Ramirez, de Cuba, e L. Camargo, da Colômbia



O Dr. Héctor Payssé Reyes, da delegação da República do Uruguai, presta-se gentilmente a assinar autógrafos durante um dos intervalos dos trabalhos



Milhares de fieis assistem à missa solene celebrada no dia 29 de abril pelo êxito da conferência, no Auditório Cívico da cidade de San Francisco

O delegado Manuel C. Gallagher, do Peru, presidente da comissão da Corte Internacional de Justiça ao apresentar um dos relatórios à comissão





Arturo Cordova, o popular astro mexicano, aparece aqui numa interessante cena do seu recente filme "Frenchman's Creek", juntamente com a encantadora es trôla Joan Fontaine, irmã da estréla Olivia de Havilland

PRODUZINDO UM FILME

POR trás das caras que o mundo já conhece, apresentadas por Hollywood, há dezenas de outras que nunca são apanhadas pela câmera. Por trás de cada maravilhoso *set* que surpreende os *fans* do cinema há uma legião de esforçados trabalhadores, homens e mulheres especialistas, a participar de um panorama da vida real que, se fosse visto pelo público, arrancaria ainda maiores manifestações de admiração. A história de como um filme é feito é tão interessante como o próprio filme acabado. Num caso recente, um veterano produtor de Hollywood estava sentado na barbearia do estúdio,

quando um escritor entrou com um livro de baixo do braço. Intrigado pela capa, o produtor pediu o livro emprestado para lê-lo à noite.

Em suas páginas, descobriu êle material que o estúdio precisava, um interessante episódio dos velhos tempos. No princípio dêste ano, sua companhia e outras produziram vários filmes sobre os dramas da atualidade e bem gostariam de produzir outros assim, de ação intensa, baseada em fatos ocorridos nas frentes de batalha no mundo inteiro; narrativas psicológicas apresentando os problemas dos soldados incapacitados, a ingressar na vida civil; variedades de ri-

sos e lágrimas da vida doméstica em tempo de guerra nos Estados Unidos. Além dêstes filmes, os estúdios produziram, em um ano, 114 filmes especiais de pequena metragem, apelos ao público a bem da Cruz Vermelha e do Fundo Nacional de Guerra; filmes sobre o alistamento de enfermeiras e do Serviço Feminino Auxiliar do Exército e outros ramos das forças armadas; filmes de combates, como *Os fuzileiros em Tarawa*; dramatizações de vários aspectos do programa de guerra que interessa diretamente ao grande público, como o racionamento de combustíveis e de gasolina, a coleta de materiais servidos e de socata de ferro, e a compra dos bonus de guerra.

Ao lembrar êstes filmes recentes, o produtor viu naquele livro, que êle encontrara por acaso, uma idéia para um outro filme cinematográfico de verdadeiro contraste, um produção que, durante uma ou duas horas, afastasse o espírito do público das preocupações da guerra.

O plano de ação

Na manhã seguinte, o produtor deu instruções ao seu agente para tratar da compra dos direitos para a filmação do romance. Chamou também dois experimentados escritores de cenário e, com a sua secretária a tomar notas, os três discutiram tôdas as faces da ação descrita, as situações mais interessantes, os possíveis atores, os *sets* mais convenientes, etc. O departamento de pesquisas do estúdio pôs-se em campo, buscando todo material relacionado com o assunto, pondo, finalmente, à disposição dos cenaristas grande soma de dados fatuais e fícticos não incluídos no texto do livro.

Feito isto, entregaram-se os cenaristas à tarefa do *tratamento* do enredo, numa narrativa breve, com a ação exposta no presente do indicativo, adaptando enfim o assunto à tela, mas sem dar-lhe a forma dramática definitiva do cenário.

Enquanto os cenaristas empregavam todo esforço para arrancar todos os detalhes dramáticos e de bom humor da idéia que o romance encerrava, o produtor agia junto aos seus as-

(Continua)



Por meio dêste engenhoso guindaste a máquina cinematográfica pode acompanhar tôdas as cenas

A cinematografia colorida exige que as luzes sejam dispostas a todos os ângulos para evitar as sombras e realçar as características dos atores. Na gravura abaixo vê-se uma bateria de refletoiros tomando posição



O encarregado do "makeup" dedica-se com extremo cuidado na técnica de preparar os atores



Maria Montez, da Rep. Dominicana, é uma das estrélas favoritas dos "fans" do cinema americano

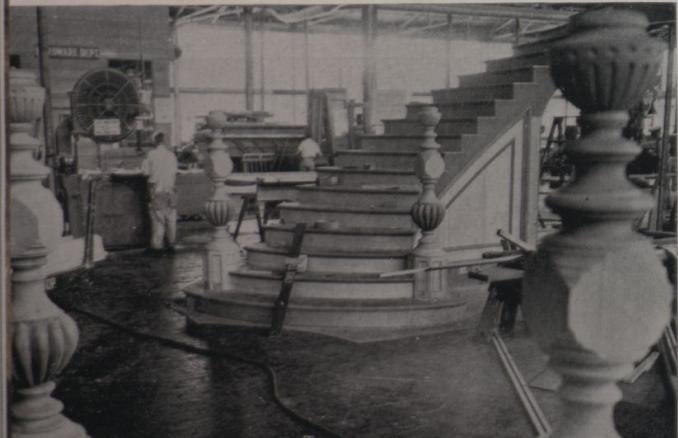




Instalada em trilhos de madeira, a máquina cinematográfica segue Deanna Durbin durante uma cena ao ar livre de seu recente filme "Feliz e Enamorada"



Nem todos os cenários de cinema são imitações. Há muitos que exigem sólidas construções como este de uma escadaria para uma cena de salão de baile



sistentes para selecionarem o elenco, assim como todo o material de cena necessário e as facilidades técnicas, elementos que deveriam estar à mão no momento exato de começar a filmagem. Quanto a despesas, a primeira e maior pauta de orçamento foi para a fotografia a cores. Há nada menos de 32 câmeras de tecnicolor, complicadas e caras. Os produtores não escondem seu entusiasmo por elas e, naturalmente, pelos seus *cameramen* e diretores de filmes coloridos, ainda mesmo sabendo que isto aumenta consideravelmente o custo da produção. Para este filme, o produtor contratou um veterano diretor, que imediatamente passou a tomar parte nas conferências diárias do produtor com os cenaristas sobre detalhes da narrativa e da sua produção.

A seguir, tratou-se do elenco, com especial atenção aos dois astros principais, masculino e feminino. E porque o filme também muito depende da qualidade dos atores secundários, foram precisas três semanas na seleção dos demais personagens. Com o *cast* completo e contratado e com os melhores *cameramen* a postos, é de supôr que tudo estivesse pronto para começar a filmagem. Longe disto. Ainda havia problemas a granel. A construção de reproduções das fontes e picinas nos terrenos de um palácio que devia aparecer no filme constituiu um dos maiores trabalhos de encanamento em Hollywood, naquele ano. O departamento do material tinha que construir o elaborado e luxuoso palácio, os jardins e alamedas, com suas plantas, árvoredo e até pássaros e animais. Havia a cena de um prédio gigantesco em que deviam participar panteras, tigres, touros, pavões, cisnes, marrecos, peixinhos dourados, vacas e centenas de pássaros. Criadores profissionais forneceram tudo isto e os respectivos domadores, necessários durante as cenas.

Detalhes vitais

Surgia, porém, outro problema: peixes, cisnes e marrecos apareciam no mesmo lago e os peixes corriam o risco de serem devorados pelas aves aquáticas. Demais, os marrecos deviam permanecer silenciosos, para não arruinar o efeito sonoro do filme. Estas preocupações, entretanto, ficavam a cargo dos criadores de animais.

Com o cenário tomando sua forma desejada, o departamento musical preparou a música de fundo, a melodia principal e adaptou a parte lírica. Um enorme *set*, desenhado pelo pessoal do departamento de arte, e construído por dezenas de carpinteiros, com a participação de outros tantos decoradores e pintores, representava o palácio. Tinha que ser resistente bastante para aguentar o peso de 500 personagens e todo o pessoal encarregado da filmagem. O cenário exigia um lago azul turquesa. Mas como o filme colorido nunca mente a respeito de matizes, foi necessário colorir a água exatamente na proporção desejada, tomando cuidado para não pôr em risco a vida dos peixes. Outro detalhe curioso foi uma estátua de quase dez metros de altura, que um escultor concluiu em quatro semanas.

Dentre os personagens necessários para emprestar a correta aparência duma das cenas havia 39 soldados, uniformizados de acordo com o estilo da época, seis trombetairos, 36 floristas, quatro sacerdotes, 30 dignitários, quatro guias de bois, quatro cameleiros e uma duzia de criadas. Dêstes *extras*, quinze eram colegiais, e, de acordo com as leis do Estado da Califórnia, o estúdio teve que abrir, no próprio *set*, uma escola com três professoras, para que os jovens artistas continuassem suas aulas entre os períodos de tomada de cena. Não se interrompe o estudo na idade escolar. O pessoal por trás dos bastidores nesta produção era composto de 127

O departamento do guarda-roupa é um dos mais importantes. Hábeis desenhistas se encarregam de apresentar os trajes de qualquer período ou nação



Há muito que observar para quem fica atrás da máquina cinematográfica. Nesta cena do filme "1001 Nights" vê-se ao fundo vários diretores e artífices

eletricistas, 30 cabelereiros, 20 encarregados das caracterizações dos estilos da época; dez encarregados do material de cena, oito fotógrafos e oito especialistas em efeitos, peritos na produção de brisa para flores e folhagens; doze domadores de animais e três bombeiros de prontidão, para qualquer emergência no *set*.

Os eletricistas trabalhavam em andaimes colocados acima do grande palco, manejando gigantescas lâmpadas de arco para a produção de luz tão radiante como o sol no Mediterrâneo. Na apoteose, havia uma cena da queima de um bôlo colossal, cuja construção absorvera seis semanas, mas que foi consumido pelas chamas em dez minutos. Um dos fantásticos vestidos, um costume estilizado com que se apresentou a estréia do filme, completava-se por um grande penteado pesado nada menos de seis quilos.

O primeiro projeto de um "set" de cinema fica a cargo de arquitetos e de artistas, interessados em estudar e trazer à realidade os menores detalhes



Durante a filmação, *Satan*, a pantera negra fugiu, e os domadores tiveram que capturá-la, em meio ao pânico que também causou a fuga de todos os personagens. À medida que eram tomadas as cenas, o editor ia escolhendo as partes do filme que iriam constituir a produção final, partes que representavam um décimo do total da filmagem. Quando foi tomada a última cena, o filme já estava em condições de ser apresentado em exibição prévia, de surpresa, num dos cinemas de Los Angeles. Este é um antigo costume, que proporciona o ensejo de se encontrarem os artistas de determinado filme e o público. O produtor, o diretor e os editores do filme ficam na platéia, interessados em observar o efeito causado no público pelas várias cenas. Algumas destas são grandes promessas no papel, mas não satisfazem durante a sua filmação, sendo por isso postas à margem. Tiram-se finalmente centenas de cópias do negativo, afim de serem exibidas nos cinemas dos Estados Unidos e no estrangeiro.

A expansão do cinema

E é assim que se faz um filme, quanto ao seu acabamento material. Mas o seu sucesso depende de muitos fatores: da visão do escritor, do bom gosto e habilidade do diretor, da sensibilidade do ator e, finalmente, do grau de percepção em que o produtor tem as predileções do grande público. Com o progresso do cinema, o seu uso tem aumentado consideravelmente. Já penetrou nas salas de aula, levando a divulgação de conhecimentos práticos que variam desde o ensino de idiomas até a técnica cirúrgica. O cinema é, por sua vez, um valioso elemento propulsor do espírito de boa vizinhança. Alguns dos filmes mais populares nos Estados Unidos são aqueles que mostram a vida, os costumes e a cultura das outras repúblicas americanas. Para estas produções, a indústria do cinema nunca dispensa os conselhos e orientações de uma autoridade em assuntos latino-americanos.

O cinema tem acompanhado de perto a ação nos campos de batalha. Ao fim de 1944, a Comissão de Atividades de Guerra da indústria cinematográfica dos Estados Unidos informava que um total de 24.867 cópias de filmes de maior metragem e 24.867 cópias de *shorts*, todas em filme de 16 milímetros, foram oferecidas por Hollywood para exibição gratuita nos postos militares, americanos e dos aliados. São exibições que atraem diariamente 1.450.000 espectadores, em 3.500 cinemas situados em toda parte — nas matas, em cavernas, barracas, navios de guerra e hospitais.



O famoso Dr. Robert Ley, preso. Como ministro do Trabalho durante o regime nazista, praticou a política que converteu em escravos milhões de habitantes dos países ocupados. Tentou escapar, dissimulado pela barba crescida, e tentou ainda o suicídio, mas inutilmente. Aqui o vemos sob a guarda de dois soldados aliados

Vigilância Eterna O PREÇO DA PAZ



Goering, criador e chefe da "Luftwaffe", responsável pela morte de centenas de milhares de civis nas cidades indefesas, entregou-se às forças americanas. Em certa ocasião afirmou que Berlim jamais seria bombardeada. Quando foi capturado, Berlim era um montão de ruínas. Goering queixou-se amargamente de Hitler, por haver-lhe despojado de medalhas e crachás. Aqui o vemos, perdendo outras

O FIM da guerra na Europa trouxe para os governos aliados as mais vastas e complexas responsabilidades administrativas. Compete-lhes estabelecer um governo efetivo na Alemanha, capaz de destruir o nazismo; de remover todos os traços de militarismo que possam permanecer na vida civil, cultural e econômica da nação; julgar e punir todos os criminosos de guerra e, acima de tudo, estirpar para sempre a rapacidade alemã ainda efervescente, consubstanciada na idéia de conquistar o mundo.

Um dos pontos mais importantes nos acordos realizados na conferência de Yalta, entre os Estados Unidos, Inglaterra e Russia, foi o referente à ocupação, controle e administração da Alemanha, depois de sua submissão pelas armas. O acordo a este respeito criou, para a sua execução, uma Comissão Central de Controle, composta dos comandantes militares daquelas três potências e da França, a qual também participaria na ocupação. À parte as Comissões de Reparação, cujos primeiros objetivos, conforme acentuou o Presidente Truman, "são assegurar contra qualquer possibilidade do rearmamento da Alemanha", a Comissão de Controle Aliado já está procedendo, em suas respectivas zonas de ocupação, à primeira verdadeira experiência de após-guerra em matéria de cooperação militar e civil.

Precisam cooperar, por exemplo, na regulação do movimento de tráfego; na fiscalização dos sistemas de transportes; nos trabalhos portuários e ao longo da costa; na regulação dos trabalhos agrícolas e fabris; na administração dos fundos públicos e cobrança de reparações; na direção de todas as atividades de caráter policial e fiscalização dos serviços judiciários; na operação dos serviços públicos, nos programas educacionais, etc. De igual importância são as responsabilidades referentes à saúde pública, à repatriação de prisioneiros e dezenas de outros encargos indispensáveis para a criação de um governo completamente novo dos escombros de um Estado totalitário. A tarefa mais importante e também a mais difícil é, evidentemente, eliminar o nazismo na Alemanha. É um problema que representa maiores obrigações, não só para as potências aliadas, como para as repúblicas americanas e outras Nações Unidas;

urge a todas ficarem de contínuo sobreaviso contra qualquer atividade indesejável com propósitos de dominação do mundo. Os planos nazistas para o futuro, a constante ameaça à paz e segurança de após-guerra, foram descobertos pelos governos norte-americano e de outras nações aliadas, na ocasião mesma em que as indústrias bélicas alemãs estavam a baixo, destruídas pelos ataques dos aliados, há poucos meses.

O caráter dessas preparações, recentemente divulgadas pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos, prendia-se, de um modo geral, às tentativas da Alemanha de desenvolver novos e mais amplos projetos comerciais; renovar os acordos sobre cartéis, ou monopólios internacionais, de antes da guerra; ampliar a campanha de propaganda, infiltrando pelas fronteiras a dentro de outros países os princípios de ligações e compromissos de ordem econômica, cultural e política.

O mundo bem sabe como a Alemanha conseguiu sobreviver à derrota sofrida na última guerra; não foi por atos de rehabilitação espiritual, penitenciando-se dos erros anteriores, ou procurando cooperar com o mundo; fez-lo submetendo-se à contínua subserviência que lhe impunha o seu alto-comando militar; levando a efeito a mais sordida propaganda no estrangeiro com o fim de captar e organizar as simpatias pelo povo alemão, e com o estabelecimento de missões militares e financeiras pelo mundo inteiro. Tudo isto foi feito muito antes de haverem os nazistas arrebatado o poder. Hitler ativou o programa.

Estas atividades deram aos alemães o ensejo de anular a maior parte das limitações a que estavam sujeitos em virtude do tratado de Versalhes. O estado-maior alemão empenhou-se também abertamente em violar as restrições do tratado, quando começou a fazer clandestinamente a preparação militar de milhares de jovens nos chamados campos de esporte, onde, na impossibilidade de conseguirem verdadeiras armas, faziam exercícios com armas de pau. O mesmo estado-maior, nos anos que se seguiram imediatamente ao armistício de 1918, preparou e dirigiu uma organização terrorista, empenhada em suprimir qualquer movimento democ-

(Continua)

Himmler, (à direita), chefe da "Gestapo", preferiu suicidar-se a enfrentar a fatalidade do seu dia de julgamento pelos crimes que cometeu contra a humanidade. Sustado a sua obra macabra pela vitória dos aliados, tentou fugir. Já na prisão, engoliu a dose de veneno que escondia na bôca. Abaixo: O almirante von Friedeburg, outro tráfego nazista, também preferiu pôr termo à sua execrável existência



Ainda soberbo e atrevido, o tesoureiro do partido nazista, Franz Xavier Schwarz (sentado), e seu filho, protestaram indignados ao serem presos. Com engodos e a ajuda da infame polícia nazista, se apossou, pela força, de milhões de marcos para financiar a ascensão de Hitler ao poder até à completa ruína da Alemanha





Quando soldados aliados entraram no suntuoso esconderijo de Hitler, em Berchtesgaden, encontraram o corpo do general Kastner, do estado-maior alemão. Parecia ter-se suicidado enquanto usava o telefone, talvez ao informar-se de que havia morrido o chefe que lhe prometera glórias militares até o fim do mundo

Os três nazistas que procuraram salvar o regime de Hitler das ruínas de inexorável derrota, estabelecendo um "governo" em Flensburg. Foram presos pelos aliados. Aqui os vemos sendo interrogados: o ministro da Produção, Albert Speer; almirante Karl Doenitz e coronel-general Gustav Jodl, chefe do estado-maior nazista



crático na Alemanha. Táticas semelhantes, em maior escala e maior escoço, já estavam sendo postas em execução pela Alemanha nazista mesmo antes de terminar a segunda guerra mundial, conforme as provas colhidas pelos governos aliados. São planos que mostram como os membros do partido nazista, os industrialistas alemães e a casta militar estavam elaborando a melhor maneira de agir comercialmente, para renovar relações entre os grupos comerciais estrangeiros, preparando a renovação dos cartéis de antes da guerra.

O enorme aumento no registo de patentes alemãs em países estrangeiros, desde 1943, constitui também indicação do plano alemão de continuas a participar no desenvolvimento e controle no campo tecnológico, depois da guerra.

De acordo com o que apurou o Departamento de Estado dos Estados Unidos e outros governos aliados, está evidenciado que:

"Os alemães esperavam oferecer os serviços de seus técnicos e especialistas em pesquisas, a baixo custo, às firmas industriais e escolas técnicas no estrangeiro;

Capitais e planos alemães para a construção de ultra-modernas escolas técnicas e laboratórios de pesquisas seriam oferecidos sob vantajosas condições, por isso que dariam oportunidade aos alemães para criarem e aperfeiçoarem novas armas."

Os planos nazistas

Cópias fotográficas de vários volumes destes planos alemães demonstram que a propaganda alemã seria também um elemento de extraordinária importância no programa de apósguerra.

"O principal objetivo do programa de propaganda," informa o Departamento de Estado, "era remover as restrições impostas pela Comissão de Controle dos Aliados, através de subtilezas como a de apelar para um tratamento justo para os alemães; mais tarde, o programa se expandiria, intensificando-se com o decidido objetivo de operar o ressuscitamento de todas as teorias nazistas pregando a dominação do mundo."

A guerra, e a preparação para a guerra constituem uma tradição militar alemã de objetivos definitos. Referindo-se a estas ambições, o General Karl von Clausewitz, proeminente escritor militar alemão do século dezenove, escreveu que "a guerra é a continuação, por meios diferentes, de uma política única".

Em seu livro *Sobre a Guerra*, adotado em todas as escolas preparatórias militares e do estado-maior na Alemanha, o autor observa que "a guerra é assim um ato de força para compelir o adversário a fazer o que queremos". Ampliando esta definição, afirma ainda que, quanto a força seja o meio, "o objetivo é impôr a nossa vontade ao inimigo." O objetivo, pois, segundo Clausewitz, é um fator constante e inalterável a despeito dos revéses. "A nação derrotada", conclui o general, "encara muitas vezes a derrota unicamente como um mal transitório para o qual é possível encontrar o remédio nas circunstâncias políticas do futuro." A Alemanha, significativamente, precipitou duas guerras mundiais num

O marechal de campo Gerd von Rundstedt, (sentado à esquerda), freqüentemente chamado o "perfeito prussiano", sobreviveu a duas derrotas da máquina bélica alemã. Chegou a ser chefe do estado-maior, mas pouco depois dos triunfos dos aliados na Europa caiu no ostracismo. Toda a sua vida foi dedicada a tramar a guerra e, já agora, toda a sua vida está cheia das mais amargas desilusões



O Dr. Hjalmar Schacht (à esquerda), instigador do programa nazista para o domínio financeiro, e (à direita), o seu sucessor como ministro dos Assuntos Econômicos e presidente do Reichsbank, Walter Funk. A política nazista de guerra econômica contra as nações pacíficas ajudou o estado-maior alemão e a Hitler na sua trágica ambição de dominar o mundo, provocando a maior das guerras

Fritz Thyssen (à esquerda) e Julius Streicher, da combinação bélica entre nazistas e militaristas. Thyssen, o industrial que dirigiu a obra de sabotagem na Renânia, após o armistício da primeira guerra, financiou Hitler, preocupando-se unicamente com seus lucros pessoais. Streicher, o cruel perseguidor dos israelitas, foi um dos maiores apóios do partido nazista, nos primeiros tempos. Ambos foram relegados

periodo de pouco mais de uma geração, "para impôr a sua vontade ao inimigo". Em ambos os casos, as campanhas militaristas partiram do estado-maior alemão, essa combinação de *junkers* prussianos; de industrialistas interessados em cartéis, e de elementos militaristas que, desde 1870, formaram e modernizaram o conceito do pangermanismo como uma poderosa ideologia de conquista.

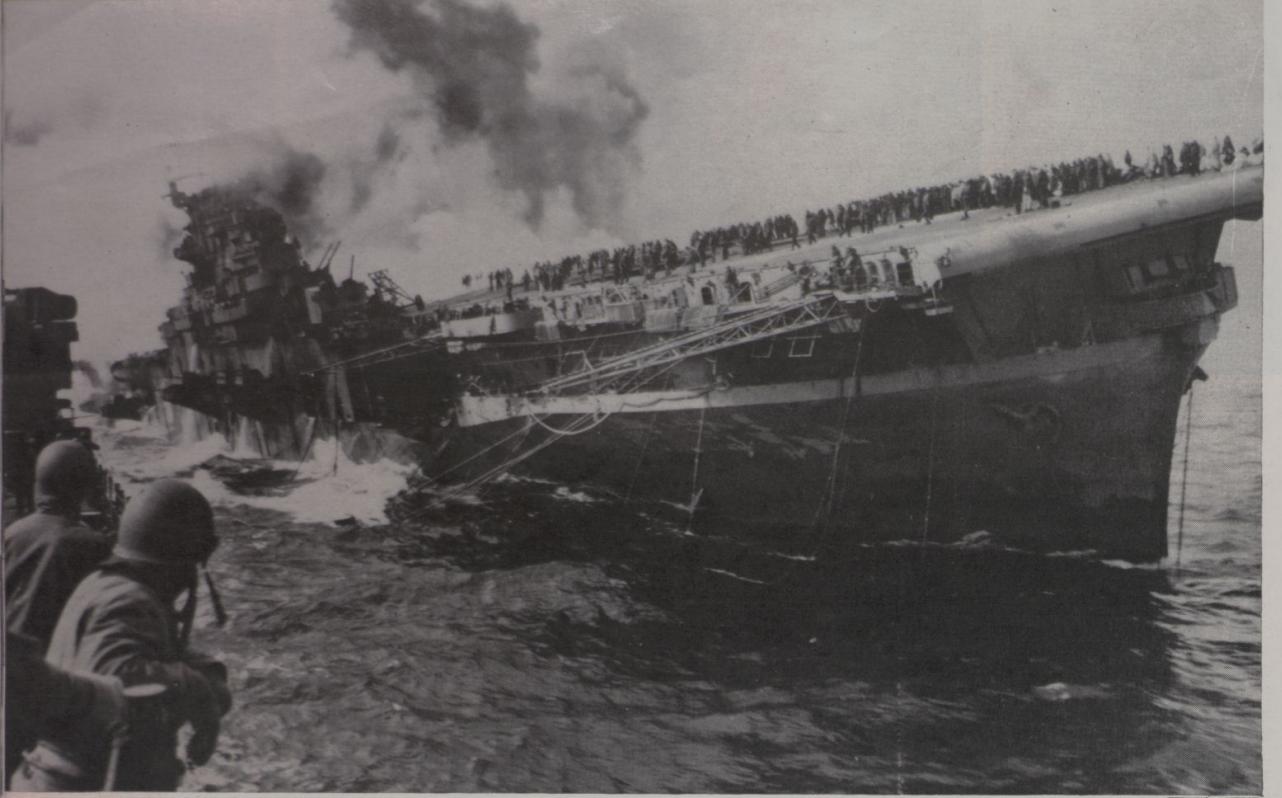
Mais uma vez, como em 1918, a maioria do alto-comando alemão sobreviveu à derrota do poder militar; e mais uma vez essa maioria afirma que foi traída pelo governo civil, neste caso, o partido nazista. Desta vez, tal como aconteceu na última guerra, em nenhuma das declarações do alto-comando, inclusive as que foram feitas pelos almirantes Speer, Doenitz; generais Jodl, von Krosigk; marechais Goering, Kesselring e von Rundstedt e outros, houve o menor sinal de contrição pelos males e sofrimentos causados ao mundo pelo Terceiro Reich. Não houve uma palavra de lamento ou de confissão de culpa.

Jodl, por exemplo, apelou para os vitoriosos, implorando *generosidade* para a nação alemã; Speer, implorou por um *bondoso tratamento* para um *honrado oponente*; von Krosigk urgiu a *reconciliação*. Kesselring amargurou-se pelo erro cometido pelos nazistas, por não invadiram a Inglaterra; von Rundstedt, ao ser capturado, resumiu suas declarações a analisar os êrros e fracassos que causaram a débile nazista. Nenhum desses proeminentes elementos da ação nazista emitiu a menor expressão de pez ou sofrimento que a guerra infligiu a milhões de seres humanos; revelavam apenas o seu profundo desapontamento pelo fim que teve a guerra. A população civil alemã, da mesma maneira, não demonstrou o menor senso de responsabilidade, muito menos de culpa. As nações pacíficas do mundo já deram amplas e significativas provas de que estão dispostas a tomar todas as medidas indicadas para estípar *in continentis*

Por duas vezes em pouco mais de uma geração, a Alemanha lançou o mundo em duas tremendas guerras que causaram a morte e o sofrimento a milhões de seres inocentes. O povo alemão, que apoiou a preparação para as duas guerras, culpou o kaiser pela primeira, e a Hitler pela segunda. Em ambas, os chefes militares alemães se juntaram do seu invencível poder bélico; mas em ambas foram



suas forças superadas pela estratégia e pela superioridade de comando das forças militares dos povos dispostos a resistir à agressão. Os governos aliados estão em poder de provas de que o militarismo alemão, perdida toda a esperança de ganhar esta última guerra, tramaram recomendar seus planos para lançar o mundo em mais uma luta, num supremo e tresloucado esforço para dominar o universo



O porta-aviões "Franklin", bombardeado a 63 milhas do Japão, quando estava em operações de guerra, põe-se a caminho para receber concertos

O Porta-Aviões "Franklin"

E A IMPRESSIONANTE TRAGÉDIA A QUE CONSEGUIU SOBREVIVER GALHARDAMENTE

FOI no dia 19 de março. A madrugada rompia lentamente sobre o Japão. O céu pardacento ajudava a encobrir o porta-aviões *Franklin*, a mais nova e a maior unidade desse tipo da esquadra americana, então a 63 milhas ao largo da costa japonesa. A força atacante da qual fazia parte o *Franklin* havia lançado um tremendo assalto na noite anterior contra as defesas do inimigo e estava agora aguardando o momento propício para reencetar o ataque. Uma hora antes de romper o dia, os bombardeiros começaram a decolar da longa pista no convés. Dez aviões zarparam com rumo ao objetivo. Muitos outros estavam à postos, esquematizando os motores, ainda com as asas recolhidas. Todos achavam-se completamente carregados de bombas e foguetes. Os aviadores estavam fati-

Várias unidades navais acercaram-se do "Franklin" para prestar socorros. Na gravação vemos a remoção dos feridos para bordo do cruzador "Pittsburgh"



gados da luta durante dias seguidos. Alguns foram tomar café, e no convés alinhavam-se numerosos marinheiros à espera de fazer o mesmo. De repente, irrompeu duma nuvem espessa um bombardeiro japonês, projetou-se direito sobre o *Franklin* e lançou duas certeiras bombas. A tremenda explosão sacudiu o porta-aviões e fez explodir parte do seu enorme carregamento de bombas, gasolina e foguetes. Em poucos minutos o navio estava envolvido em chamas, multiplicando-se as explosões num fragor verdadeiramente infernal.

O avião inimigo prosseguiu célebre, mas foi abatido por um dos próprios bombardeiros do *Franklin*. O resultado do seu ataque, porém, evidenciava-se em toda a sua indescritível realidade; mas da formidável catástrofe

O capelão de bordo, comandante Joseph O'Callahan, que se portou com excepcional bravura durante o salvamento, faz a encomendação de um dos cadáveres



ressaltaram provas de bravura e heroísmo das mais assinaladas nesta guerra. De prôa a popa o navio queimava violentamente; oficiais e marinheiros eram lançados ao mar, pela força das explosões, e outros, fugindo às linguas de fogo, atiravam-se náguas. Muitos, colhidos no bojo do navio, eram vitimados fulminantemente pelos estilhaços de granadas e pela fumaça espessa e sufocante.

Os aviões explodiram, vitimando todos quantos nêles se achavam trabalhando. Os foguetes projetavam-se aos ares, numa exibição macabra de gigantesca pirotécnica. Balas de metralhadoras explodiam por todos os lados, como bichas e busca-pés. O mar, em vasta área ao redor, estava coalhado de tripulantes que se debatiam desesperadamente, num clarão dantesco. Já então o pessoal das máquinas não pôde mais suportar o intenso calor e a fumaça e, um a um, foram caídos, desfalecidos. O navio, mantendo sua marcha, continuou, rumando para a costa do Japão até pararem as máquinas.

Começou então uma longa série de atos de heroísmo e feitos de admirável habilidade profissional que salvaram o navio de outras consequências ainda mais trágicas. Organizou-se, na medida do possível, o combate às chamas, a despeito das explosões dos projéteis em várias partes do navio; turmas de tripulantes, vencendo imensas dificuldades, entregaram-se denodadamente ao salvamento daqueles que estavam nos compartimentos inferiores, incapacitados de sair. Para os tripulantes dos navios que se acercaram afim de prestar socorro, a situação do *Franklin* parecia irremediável. Do comando geral veiu autorização para abandonar o navio; mas o comandante L. E. Gehres, do *Franklin*, respondeu: "Não abandonarei ainda o navio." E continuou dirigindo o combate ao fogo, o salvamento dos seus comandados e a remoção dos feridos, animando a todos com o seu exemplo de extraordinária coragem e dedicação. A cada explosão, parecia que o navio ia sobressobrar. Mas o seu comandante não perdeu a esperança.

A esse tempo o cruzador *Santa Fé* pôde aproximar-se o mais possível ao longo do costado do porta-aviões, fazendo jorrar suas possantes mangueiras e salvando centenas de tripulantes. Pouco depois, o *Franklin* começou a adernar perigosamente. Do convés, os marinheiros não cessavam atirando munição ao mar e procurando salvar muitos que ainda continuavam encerrados no bojo do navio. O capelão de bordo, comandante Joseph O'Callahan, praticou então feitos memoráveis de heroísmo. Parecia estar em toda parte, ajudando os feridos, combatendo o incêndio e confortando os moribundos. O fogo ameaçava um dos magazines de munição do navio. Se desse a explosão, o porta-aviões iria pelos ares. O capelão resolutamente entrou no compartimento. Dois marinheiros caíram mortos ao seu lado; mas o capelão conseguiu afinal encontrar uma mangueira e

O comandante L. E. Gehres (à direita), do "Franklin", recebe do vice-almirante A. W. Fitch, a Cruz da Marinha por ter trazido a porto seguro o seu navio, num percurso de 12.000 milhas. Em baixo: A remoção de um ferido



inundou o compartimento, evitando uma explosão de tremendos efeitos. Num dos refeitórios havia 300 homens encerrados, sufocando com a fumaça. Um oficial arrastou-se pelas chamas e foi salvá-los, sendo necessário voltar três vezes. O *Franklin* continuava desgarrado, com suas máquinas paradas. Outro cruzador, o *Pittsburgh* acerrou-se e rebocou-o para fóra das águas japonesas. Mas o trabalho de firmar os cabos de reboque durou quatro horas. Enquanto eram tomadas estas providências de salvamento, surgiu outro avião japonês para atacar o navio. Quase todos os artilheiros de bordo estavam mortos, mas um cozinheiro, um médico e dois mecânicos manejaram a única metralhadora restante e obrigaram o avião a desviar de curso. Durante os três dias que se seguiram tiveram que rechaçar constantes ataques do inimigo. Numerosos tripulantes arriscaram-se voluntariamente a descer à casa das máquinas, que ainda estava ardente de vapor dágua quente, e puseram as máquinas novamente em movimento. Na manhã seguinte o *Franklin* pôde desligar-se do *Pittsburgh* e prosseguir na viagem de regresso, fazendo um percurso de 12.000 milhas para Nova York, afim de ser submetido a concertos e voltar novamente ao serviço ativo. No primeiro dia só responderam à tripulação pereceu.

Durante a tragédia, os tripulantes se alimentaram unicamente de salsichas e algum pão, encontrados pelo heróico capelão de bordo. O *Franklin* foi incorporado à esquadra há pouco mais de um ano; sua construção, feita de acôrd com especificações rigorosas, tornaram-no modelar, conforme se verificou pela maneira como o navio superou os tremendos efeitos de contínuas explosões. As autoridades navais, elogiando a guarnição do *Franklin*, pelos feitos praticados sob tão adversas circunstâncias, classificaram-nos como "mais uma página brillante de inexcedível heroísmo em pleno mar."





Flagrante tomado das tropas alemãs que, aos milhares, renderam-se às forças brasileiras na Itália, poucos dias antes da vitória final dos aliados.

A Vitória Brasileira na Itália

O cemitério brasileiro em solo italiano, onde estão sepultados os heróis da Fôrça Expedicionária que, como as outras Nações Unidas, pagaram o tributo da vitória



Frank Norall, autor do artigo abaixo, esteve como representante do Bureau de Assuntos Interamericanos junto à Fôrça Expedicionária Brasileira em operações na Itália. Antes de desempenhar esta missão, permaneceu algum tempo no Brasil, assim como Alan Fischer, o fotógrafo a quem se deve as ilustrações do artigo.

QUANDO terminou a guerra na Itália, o Brasil havia escrito um singular e significativo capítulo na história da América. Pela primeira vez uma nação latino-americana enviava suas forças a ultramar para participar nos cruéis combates de uma guerra mundial.

Isto constitue um símbolo e uma grande prova. Um símbolo para o mundo, no sentido de haver o Brasil assumido seu posto de responsabilidade, participando nos acontecimentos mundiais; e uma prova do poder e do elevado espírito da nacionalidade brasileira.

Por isso não é difícil compreender porque a comunidade das nações americanas acompanhou de perto e com inusitado interesse as operações das tropas brasileiras na frente de batalha. Como o único correspondente que viveu e conviveu com os soldados do Brasil durante oito meses de sua intensa atividade na Itália, tive excelente oportunidade de observar e aquilar a sua valiosa cooperação. A confiança que esses combatentes inspiraram à sua pátria está plenamente justificada. Infensos a aceitar revezes, cobriram-se



O gen. Fretter Pico, da 148a Div. de Infant. alemã rende-se ao gen. de brig. Falconiers da Cunha

de glória capturando uma divisão inteira alemã. Certo, sofreram derrotas. Subestimar este fato seria cometer uma injustiça àquelas que lutaram e morreram em tão sangrentos recontros. Mas, de certo modo, os primeiros revezes foram tão importantes como as vitórias posteriores. Muitos foram os oficiais e soldados que, em palestra comigo, mais tarde, aceitaram a experiência adquirida nos primeiros infrutíferos ataques contra Monte Castello como um elemento que contribuiu para o triunfo da terceira tentativa levada a efeito em 21 de fevereiro, com a decisiva vitória das armas brasileiras.

Neste particular, a experiência não foi muito diferente da experiência ganha pelas forças norte-americanas. Os brasileiros tinham apenas uma divisão de infantaria na Itália. Em organização e equipamento era similar às do Exército dos Estados Unidos. Uma divisão moderna constitue uma verdadeira maquinária, complexa em todos os sentidos. Em mãos de veteranos, uma divisão assim tem demonstrado ser um núcleo de poder militar de ação rápida e fulminante. Mas para atingir este grau de suprema eficiência precisa de uma condição essencial. É uma condição que todo oficial de infantaria reconhece o valor: o batismo de sangue. Para que a máquina funcione a contento, exige a prova irrecusável de vários meses enfrentando os rigores da luta.

Em face desta realidade é que devemos aquilar a ação da Fôrça Expedicionária Brasileira na campanha italiana. Seu batismo de sangue foi severo, especialmente durante os meses de novembro e dezembro, quando seus combatentes lançaram-se decididamente contra as posições dos alemães em Monte Castello, para desalojá-los, e fracassaram. Os meses de rigoroso inverno são inquestionavelmente a suprema prova para o ânimo de qualquer combatente. Os alemães

estavam de melhor partido, pois ocupavam a parte superior da colina e podiam observar facilmente qualquer movimento das forças brasileiras.

Cada estrada, cada caminho estava coberto pelo fogo da artilharia nazista; ninguém podia evitar a extrema tensão do momento. Até os vários quartéis-generais do General Mascarenhas foram bombardeados pela artilharia pesada tódias as noites; o mesmo acontecendo à hora das refeições, quando a tropa se congregava. Os alemães estavam de cima e dominavam os alvos que quisessem. Era só escolher e disparar. Ademais dessa evidente adversidade, havia inimigos ainda piores: o frio e a neve.

Durante essa quadra do inverno, a frente permanecia estável, mas lutava-se todos os dias e todos os dias havia mortos e feridos. As escaramuças entre as patrulhas avançadas se sucediam, e de ambos os lados era incessante o fogo de artilharia e de morteiros. Nesses meses bastante difíceis, os brasileiros aprenderam a levar a efeito o plano de ataque que tinham em mente. Nisto aliás os oficiais e soldados norte-americanos os ajudaram muito, com a sua experiência na tática e na estratégia de uma campanha cheia de imprevistos. Com o próprio contato adquirido no local, durante os primeiros combates, as tropas brasileiras como que se graduaram para realizar grandes feitos.

E a 21 de fevereiro lançaram um novo assalto contra o inimigo em Monte Castello, conseguindo afinal, num único dia de violenta luta, ocupar a posição, enquanto a Décima Segunda Divisão norte-americana ocupava outros pontos no setor adjacente. Esta foi a primeira grande vitória dos brasileiros. E foi também o começo do fim. Dêsse dia em diante as tropas do Brasil foram conseguindo galhardamente todos os seus objetivos, e a tal ponto, que o Major-General Willis

D. Crittenberger, comandante do IV Corpo do Exército, declarou com incontido orgulho, que as forças brasileiras "estavam se portando admiravelmente." E referindo-se a sua preparação, aditou: "Desde a sua chegada à Itália as tropas brasileiras submeteram-se ao período usual de preparação para combate segundo os métodos provadamente mais adequados nesta guerra, e do aproveitamento alcançado nessa preparação atestam exuberantemente os sucessos dos últimos dias."

Pouco depois de sua vitória em Castello, os brasileiros, juntamente com as tropas da Décima Divisão, empreenderam uma nova ofensiva, longo ocupar vários quilômetros a mais de terreno elevado. O peor já tinha passado. Pela primeira vez puderam eles olhar para baixo e observar os movimentos do inimigo. Cessou então o fogo da artilharia inimiga contra as pontes, vias de comunicações e depósitos de abastecimentos dos brasileiros. O inimigo não mais dispunha da vantagem de suas posições de observação. Pôde-se respirar com mais tranquilidade.

A grande vitória

Mas a grande demonstração final, que traria a vitória decisiva na Itália, ainda estava por se realizar. O ansiado encontro chegou, porém, para os brasileiros no dia 14 de abril, quando, agindo pela terceira vez simultaneamente com a Décima Divisão, lançaram a ofensiva da primavera que levou o poder militar aliado até Bolonha e a todo o vasto e estratégico vale do rio Pô. Enquanto a Décima e outras divisões americanas investiam ao norte e a nordeste, os brasileiros atacavam a oeste, protegendo o flanco esquerdo. O primeiro objetivo dos brasileiros era a ocupação da vila de Montese, o que conseguiram depois de um dia inteiro de tremenda luta, apoiados pela ação dos tanques. Depois desse sucesso, a luta prosseguiu para além de Montese. Foi então que a resistência alemã sofreu um súbito colapso. O inimigo fugiu, na esperança de encontrar refúgio nos Alpes.

Dai em diante, a resistência foi esporádica e desorganizada. Os alemães, apesar de continuarem lutando, estavam irremediavelmente perdidos. E não tardou que a brilhante ação das tropas brasileiras na Itália culminasse com a captura de uma divisão inteira alemã, inclusive todo o seu material bélico. Este sucesso mereceu entusiástico elogio do General Mark W. Clark, comandante das forças aliadas na Itália. Em telegrama dirigido ao General Mascarenhas declarou que a vitória "era evidência do sentimento de combate da Fôrça Expedicionária Brasileira, constituindo uma elevada prova da sua valiosa contribuição para o sucesso dos aliados na Itália."

No ar, no setor do norte italiano, o grupo de caça da aviação brasileira também fez júos aos elogios dos comandantes aliados e ao respeito e à estima dos aviadores norte-americanos que voavam com eles. A destruição levada a efeito pelos caças brasileiros, sob o comandando do Tenente-Coronel Nero Moura, mostra o valor da sua participação na campanha. Diariamente voltavam os seus velozes P-47 Thunderbolts cívidados de metralha; mas também traziam numerosas fotografias revelando as pontes, os trens e demais veículos destruídos. Como bons pilotos, os brasileiros eram ousados e persistentes, muitos deles pagando com a vida os seus feitos heróicos. Na Itália, os brasileiros, logo que se familiarizaram com as condições da luta, portaram-se como combatentes de grande valor, conforme deram provas nessa campanha das mais árduas.



"La Hacienda" de Rafael Moreno, pintado em 1943. Há vinte e cinco anos que o artista vive em Cuba, sendo considerado um de seus melhores modernistas

A Moderna Pintura Cubana

O ESPÍRITO de Cuba, em suas cenas tropicais, belos pássaros, damas encantadoras e garridos cavalheiros, foi apresentado aos norte-americanos por um grupo de pintores que compreendem a cér e o ritmo de sua pátria. Milhares de visitantes afluíram ao Museu de Arte Moderna, de Nova York, e mais recentemente, ao Museu Nacional de Washington, atraídos pelo interesse despertado pelas exposições da moderna pintura cubana.

Selecionados pelo crítico de arte cubano José Gómez Siere, mais de 60 quadros a óleo e desenhos que compõem a valiosa coleção repre-

sentam onze dos mais notáveis artistas de Cuba. Trabalhos de quatro deles são apresentados nestas páginas. Exprimem um interessante afastamento da tradicional escola acadêmica, movimento que começou em Cuba durante a década de 1920 a 1930. Desde então, os pintores cubanos têm se mantido na dianteira no esforço para dar à sua arte uma moderna interpretação, no que aliás têm sido muito bem sucedidos, no consenso geral dos críticos.

Cundo Bermúdez, cujas figuras quase arcáicas e os fortes traços de inspirado desenho causaram franca admiração dos críticos nos Estados Unidos, merece especial menção pelo seu magnífico *Retrato de María Luisa Gómez Mena*, estudo

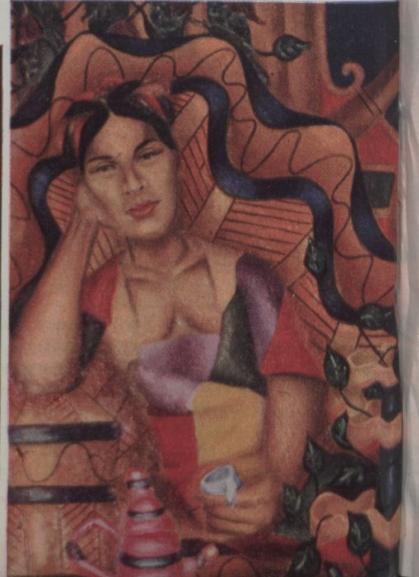
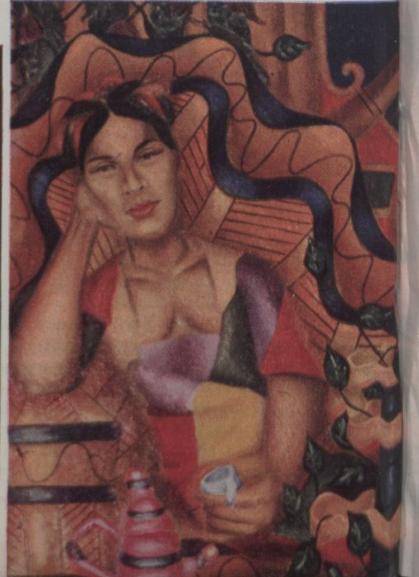
Este quadro, sobre o trabalho nos canaviais cubanos, é da autoria de Mario Carrero



Mariano Rodríguez, autor do interessante quadro "Briga de galos" é notável pelo vivo do colorido

de uma mulher que se tem distinguido pelo seu decidido apoio ao movimento de arte moderna em Cuba. Outros quadros na exposição, também notáveis por suas qualidades individualísticas, são os galos de Mariano Rodríguez e as cenas de grande efeito, trabalho de um dos mais populares pintores cubanos, Rafael Moreno. O mais versátil dos pintores que ora se apresentam ao público americano é Mario Carrero, cuja contribuição consta de dois painéis. A exposição, em seu conjunto, foi apreciada pelos críticos de arte como a expressão "não do rosto, mas do coração de Cuba, a pérola das Antilhas."

"Retrato de María Luisa Gómez Mena", trabalho de Cundo Bermúdez, executado em 1943



GUILLERMO VALENCIA

UM DOS MAIORES INTELECTUAIS DO NOVO MUNDO

Este artigo é da autoria de Herschel Brickel, antigo adido cultural da embaixada dos Estados Unidos na Colômbia, e velho amigo pessoal de Guillermo Valencia.

"Ni mármoles épicos, claros de lumbre y coronas,
Ni muros invictos, que prósperos hierros defiendan
Y guarden leones de tranquila postura triunfal,
Ni erectas pirâmides — urnas al genio propicias —
Magnificamente tu fama dilatan, sonora,
Con voces eternas, fecunda ciudad maternal."

ASSIM cantou, certa vez, Guillermo Valencia a sua terra natal na *Ode a Popayan*, considerada um dos maiores poemas do Novo Mundo. Valencia, o poeta, estadista, orador e bom amigo, morreu em 1943. Sua memória agora faz perdurar viva a fama de Popayan, a pequena cidade colombiana encastelada no vale de Pubenza.

A Guillermo Valencia, homem querido por todas as nações que o conheceram como mensageiro da amizade, uma pátria agradecida dedica um expressivo monumento — a grande casa em Popayan, onde Valencia escreveu seus versos imortais. Nesta mansão permaneceu o poeta durante a última enfermidade que o vitimou. Sua casa já era um dos maiores centros literários da Colômbia, com sua bela biblioteca de cinco mil volumes, simbolizando o interesse cosmopolita de um intelectual que prezava os livros como prezava os amigos de tantas nacionalidades, aos quais nunca deixava de enaltecer o prazer da sua companhia.

Em Popayan, berço de nove prenentes colombianos e de vários poetas, cientistas e ardorosos patriotas, há um Panteão que guarda as cinzas de grandes homens, e onde os restos mortais de Guillermo Valencia irão um dia ter jazida definitiva. Sua *Ode a Popayan* está gravada em mármore na Universidade de Cauca.

Guillermo Valencia viajou muito, tanto na Europa como nas Américas, tendo residido em várias de suas repúblicas. Seus tributos prestados no verso e na prosa, e, sobretudo, em eloquentes discursos ao espírito de boa vizinhança internacional constituem parte valiosa da literatura do Novo Mundo. Contudo, este ilustre hóspede de tantas nações morreu numa casa situada a poucos quarteirões daquela em que nasceu.

Merecida popularidade

Conquanto Valencia vivesse abastadamente, sempre valorizou o mérito individual, e este traço de seu caráter lhe granjeou grande popularidade. Ao entrar uma vez numa praça de touros, a assistência levantou-se, aclamando-o. Quando correu a notícia de sua morte, pelo rádio, foi notável o sentimento de pesar causado na massa do povo. Houve um verdadeiro colapso nas atividades da população compungida pela infesta perda de um verdadeiro amigo. De várias repúblicas americanas chegaram os maiores tributos, expressos pela flor da intelectualidade.

Na mansão do grande poeta, ora transformada em relíquia nacional, destaca-se o seu gabinete de trabalho onde se vêem numerosas fotografias autografadas e retratos de famosos escritores e personalidades políticas que cultivavam a amizade do ilustre colombiano, durante a sua vida de intenso trabalho, como poeta, político, orador e homem público.

Jovem ainda, Valencia foi eleito para o Congresso Nacional, onde se distinguiu pelo seu vigoroso verbo, tornando-se um dos oradores de maior reputação até ao fim de sua vida. Estes dotes pessoais serviram para dar-lhe especial proeminência durante sua presença no estrangeiro, representando sua pátria. Na Conferência Interamericana do Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, teve êle ocasião de se distinguir numa de suas últimas missões internacionais. Assim como o poeta encontrava tempo para ser estadista, o estadista nunca descurava dos interesses de sua comunidade. E dentre os grandes serviços que prestou nesse sentido, os seus conterrâneos nunca se esquecem de acentuar que foi Guillermo Valencia um dos que mais influíram para que Popayan fosse dotada de uma linha férrea.

Apesar de sua constante atividade, o lar e a família lhe mereciam extremos de carinhosa atenção, sentindo-se venturoso de partilhar suas glórias

com a esposa, três filhas e dois filhos. Dêstes, um é líder do partido conservador, como fôra o pai, e outro é proeminente membro do partido liberal. E' uma família bem representativa das tradições colombianas.

Avido de conhecimento e saber, Valencia tipificava o homem culto e viajado. Como poeta, a sua obra não é vasta mas é profunda e perfeita, merecendo de muitos, todos os louvores inspirados pelas obras clássicas. Da sua personalidade se fala prestando-lhe atributos como a um Najera, um Ruben Darío e outros eminentes constelares da poesia continental americana. Sua foi também uma valiosa contribuição às letras castelhanas, consubstanciada na primorosa tradução de trabalhos de Hugo von Hofmannsthal, Stefan George, D'Annunzio, Verlaine, Goethe, e muitos outros, destacando-se uma difícil tradução de poesias chinésas. Neste trabalho teve a cooperação de um outro notável homem de letras, Baldomero Sanín Cano, que, ao tempo da morte de Guillermo Valencia, contava 85 anos de idade e continuava em pleno vigor de trabalho. Conquanto discordassem politicamente, estes dois intelectuais eram velhos e íntimos amigos.

O poeta Guillermo Valencia pouco antes de sua morte. Vêmo-lo em companhia de sua filha e duas vizinhas, em trajes nacionais, no jardim de sua residência





O Gen. MacArthur dá as boas-vindas ao Cel. A. Cárdenas, do Grupo de Caça Mexicano. Presentes estão o Cel Alfonso Curza (esq.) e Gen G. Kenny

OS AVIADORES MEXICANOS

ENTRAM EM AÇÃO NA FRETE DE BATALHA DO PACÍFICO

O PODER aéreo estava se fazendo sentir com todos os seus devastadores efeitos na guerra no Pacífico quando o primeiro grupo de caça da aviação militar mexicana terminou a sua preparação e reuniu-se às forças combatentes. Os poderosos bombardeiros B-29 estavam realizando ataques quase diariamente contra o Japão. Os bombardeiros mais leves e outros aviões intensificavam a sua ação noutros setores fortificados do inimigo e nos centros industriais bélicos japonês. A proteção que, nesses ataques, compete aos aviões de caça era um fator essencial para acelerar ainda mais a ação paralizante da arma aérea contra os pontos de concentração do inimigo.

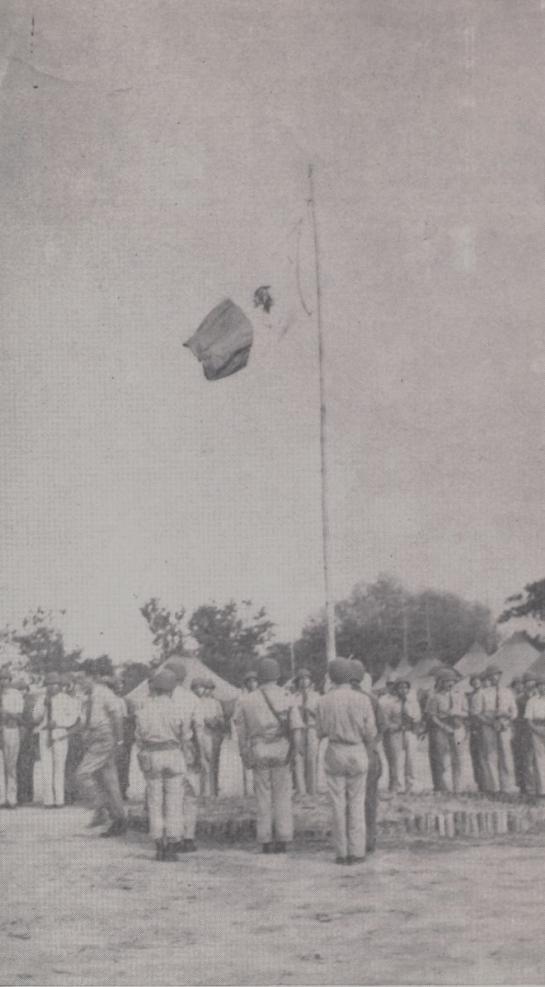
Por isso, os aviadores do 201º Grupo de Caça da aviação mexicana tinham toda razão de sentirem-se orgulhosos e confiantes quando se reuniram às forças aéreas no vasto teatro de operações no Pacífico. Seu período de instrução foi de muitos meses, recebendo todos os ensinamentos da técnica

mais apropriada para a luta em que iam participar. Seus aviões, os P-47 *Thunderbolts*, distinguem-se como dos mais aptos em manobrabilidade e armamento. Dispondo assim de excelentes aparelhos, os aviadores mexicanos, além de estarem perfeitamente habilitados para a sua missão, estavam animados pelo vigor da defesa de uma causa que lhes é sagrada e que tem tido a maior repercussão no México.

Definindo a significação do concurso mexicano, o coronel Antonio Cárdenas, assim se expressou: "Esperamos que a nossa habilidade de aviadores ajude a terminar prontamente esta guerra, para que possamos todos trabalhar de comum acordo num mundo de paz, justificando assim os grandes progressos da humanidade."

Ao entrarem em combate, os aviadores mexicanos e americanos enfrentam os mesmos perigos para os quais se prepararam, lutando contra um inimigo tenaz e ardiloso. Ao chegarem a Manilha, os aviadores foram

A chegada dos aviadores em Manilha para participarem na campanha do Pacífico. Vêmo-los em continência, ao serem recebidos ao som do hino mexicano



recebidos pessoalmente pelo General Douglas MacArthur, que lhes deu efusivamente as boas-vindas. O veterano chefe da campanha de Batân de 1941-1942, durante a qual as forças americanas e filipinas resistiram heróicamente mesmo quando sua força aérea estava reduzida a dois ou três aviões, compreende perfeitamente a importância do poder aéreo na vasta área de ação no Pacífico. Não escondeu, pois, sua gratidão por esta oportuna adição às forças das Nações Unidas, constituída de 300 excelentes aviadores do México, prontos para entrarem em ação onde se impuserem as necessidades da batalha.

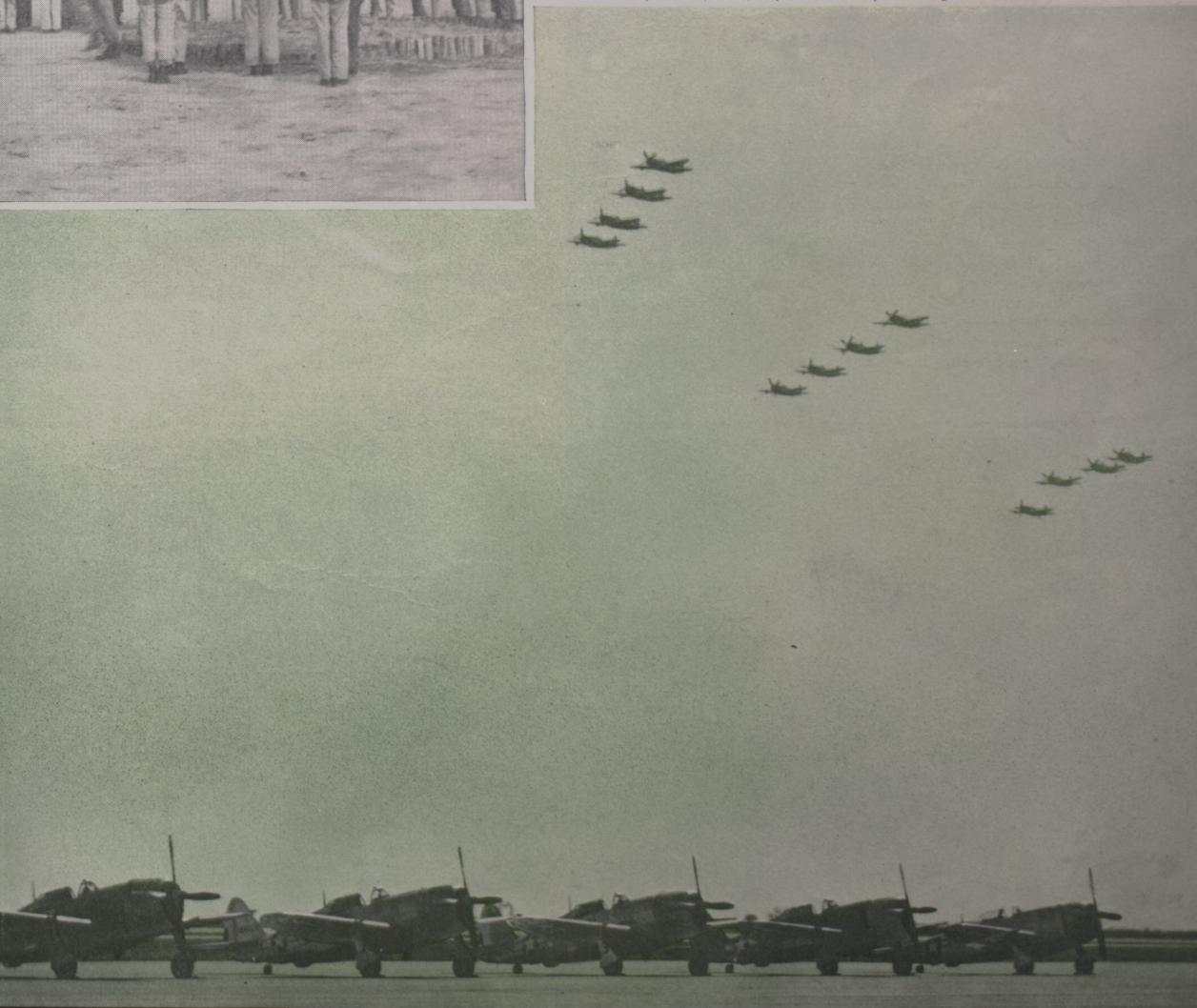
Laços que se fortalecem

As duas grandes nações vizinhas e suas aliadas em todo o hemisfério têm plenos motivos para confiar nesses combatentes. São todos aviadores graduados nos campos de aviação do México, sendo que muitos já serviam na aviação militar de sua pátria. Durante o período de instrução especializada, sob rigoroso programa, os aviadores mexicanos mereceram os melhores encômios de seus colegas americanos. O major-general R. B. Williams, comandante da Força Aérea do Segundo Exército dos EUA, declarou que "os aviadores mexicanos deram todas as provas de serem competentes pilotos, revelando o maior aproveitamento dos ensinamentos que lhe foram ministrados em tempo relativamente curto, para uma campanha que exige técnica especial." Esta é, de fato, a opinião generalizada.

(Continua)

O hasteamento da bandeira mexicana no Clark Field, por ocasião da chegada dos aviadores do Grupo de Caça que ali estiveram acomodados antes de partir

Três esquadrilhas de aviões tripulados por aviadores mexicanos voando por sobre o Majors Field, Texas, enquanto outros aparelhos aguardam ordem de voar





Pilotos mexicanos (à esq.) recebendo instrução do tenente Max D. Sinclair, antes de empreenderem um vôo. Em baixo: O general Francisco Urquiza, sub-Secretário da Defesa Nacional do México, recebe as congratulações que lhe apresenta o tenente-general B. K. Young (à esq.), no dia do encerramento do curso



O tempo que os aviadores mexicanos passaram estudando e convivendo com os elementos da força aérea americana serviu para radicar ainda mais um sentimento de camaradagem cultivado com vivo interesse. As dificuldades recíprocas do idioma foram rapidamente afastadas pela solicitude demonstrada por americanos e mexicanos, afim de tornar cada vez mais proveitosa a aproximação dos combatentes de ambos os países. O 20º chegou aos Estados Unidos em julho de 1944, por Laredo, Texas. Depois das formalidades preliminares no Randolph Field, em San Antonio, foi separado em várias seções para a sua preparação técnica e de vôo. Mais tarde, as seções se reuniram novamente para a instrução de combate, em conjunto, em Pocatello, Idaho. Em Majors Field, finalmente, o grupo realizou suas manobras finais antes de partir para a frente de combate. Durante vários meses os céus do Texas ressoavam o ruido dos *Thunderbolts* P-47, pilotados por mexicanos.

Não tardou que o fragor dos valorosos caças mexicanos fosse ouvido nos céus do Pacífico. O Japão, que há 15 anos procura escravizar os chinés, seus vizinhos, começou a ver a extraordinária diferença o conceito de vizinhança cultivado no hemisfério ocidental, onde as nações são iguais em tempo de paz e, quando é necessário, aliam-se na guerra.

Depois de intenso período de preparação tática, os aviadores mexicanos apresentam-se para a travessia do Pacífico, fazendo sua última refeição nos EUU.



Os pilotos mexicanos receberam especial atenção técnica dos instrutores mais competentes dos Estados Unidos. Na gravação vemos os aviadores capitão Jesus Carranza (à esquerda) e tenente Samuel Cuetos, no Clark Field. A gravação abaixo mostra aviadores mexicanos corrigendo as metralhadoras de um de seus caças

A PREFEITA DE PORTSMOUTH

MRS. MARY C. DONDERO, como centenares de mulheres nos Estados Unidos, dedicou-se a atividades cívicas assim que sua família e seu lar já não lhe demandavam todo tempo e atenção. Suas quatro filhas já crescidas, Mrs. Dondero, aos 50 anos, foi este ano eleita prefeita da cidade de Portsmouth, no Estado de Nova Hampshire, servindo também como membro da Legislatura estadual, para a qual foi eleita pela quinta vez, por um período de dois anos.

Grande advogada da participação da mulher nos negócios públicos, Mrs. Dondero, não obstante, propugna acima de tudo o desempenho do dever que toda mulher tem para com sua família e seu lar. "Acredito firmemente", declara ela, "que os deveres da família se sobreponem a todos os demais; mas quando os filhos já estão ocupando seu devido lugar na vida prática, toda mulher deve dedicar-se a outras atividades, dentre as quais as de caráter cívico sobrelevam de importância."

Mrs. Dondero é, de fato, uma das mulheres mais ativas. Como prefeita de Portsmouth, está à testa da administração de uma cidade de mais de 15.000 habitantes. Como legisladora, faz parte de várias comissões, destacando-se pela sua ação em matéria legislativa que salvaguarda os direitos da mulher. Foi a autora do projeto referente ao máximo de horas do trabalho feminino e tem sido uma constante batalhadora para garantir à mulher a participação nos trabalhos do jury do seu Estado. Incansável em suas atividades políticas, Mrs. Dondero participa ainda com particular interesse na vida social local, pertencendo a vários clubes, e destacando-se também no campo religioso. É muito ativa na Igreja da Imaculada Conceição, fazendo parte da Sociedade do Altar da mesma igreja; pertence à agremiação feminina auxiliar da Legião Americana, a organização composta de veteranos da primeira guerra mundial; faz parte da agremiação feminina auxiliar da Sociedade dos Cavaleiros de Colombo e da Sociedade Católica das Filhas da América.

Sua filiação política é a do partido democrata, batendo-se com extraordinário vigor pelos princípios democráticos. Seu discurso inaugural teve por tema a asserção: "Que o governo da cidade seja um livro aberto." Aplaudida por sua sinceridade e franqueza, sua ação à frente do governo municipal tem se caracterizado por uma cooperação prática em todos os assuntos de interesse público. Apesar de ser o Conselho Municipal composto de seis membros do partido republicano e de apenas três do partido democrata, a prefeita de Portsmouth obteve a aprovação de quase

municipal. As mães cujos filhos estão servindo nas forças armadas formaram um clube do qual Mrs. Dondero faz parte, pois duas de suas filhas alistarão-se no Corpo Auxiliar Feminino do Exército. A prefeita de Portsmouth nunca deixou de comparcer à estação para despedir-se daqueles que seguem para as frentes de combate.

Viúva há um ano, seu marido, Charles A. Dondero foi o primeiro filho de descendência italiana nascido na histórica cidade de Portsmouth. A própria prefeita Dondero define simplesmente o sucesso da sua carreira: "Toda mulher que se convence da justiça de uma causa deve bater-se por ela."



A prefeita de Portsmouth em seu gabinete, conversando com John C. Dolan, que também foi eleito para um cargo municipal nas últimas eleições

A prefeita não dedica todo o seu tempo aos assuntos oficiais do cargo. Aqui a vemos servindo o almoço aos netinhos Brian e Bruch Mitchener



AUXÍLIOS AOS LIBERTADOS



Um dos depósitos de sabão para os povos libertados da Europa. De todas as partes do mundo chegam contribuições de artigos destinados a aliviar a sorte das vítimas da guerra



Enormes fardos contendo roupas usadas, coletadas nos Estados Unidos, sendo embarcadas para a Rússia, afim de atender às necessidades das populações das regiões devastadas

ROUPAS E VÍVERES—É A CONTRIBUIÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

ANTES de poder a Europa desobrigar-se da parte que lhe cabe na organização de um mundo melhor, torna-se urgente eliminar muitos fatores que, dentro de suas fronteiras e oriundos da guerra, constituem ameaças de verdadeiros inimigos.

Em todas as partes do continente, de Bordeaux a Berger; de Roterdam a Rostov, estes inimigos, constituídos pela má nutrição, pelas doenças, pela desorganização econômica e por milhares de pessoas deslocadas de suas terras, continuam a fazer sentir a sua presença de mil e muitas maneiras. O continente inteiro ressentisse da falta de alimentação apropriada; falta o leite para milhares de crianças; e numerosas cidades estão desprovidas de força elétrica. Continuam a sofrer as consequências da destruição de suas usinas e demais serviços públicos. A reabilitação humana consumirá muito mais tempo. Há milhares de mulheres depauperadas por falta de alimentação adequada, mas que, forçadas pelas circunstâncias, estão atendendo a trabalhos que competem a homens; numerosíssimos países, egressos do captiveiro, encontram-se fracos e incapacitados de trabalhar ou de ajudar; muitas crianças, mal nutridas, mal vestidas, estão vivendo miseravelmente; para elas ainda não há escolas, nem livros ou brinquedos. A tragédia que agora vergasta 180.000.000 de habitantes da Europa atrai a atenção do mundo inteiro. Os povos das outras Nações Unidas, ligadas à Europa por laços de hereditariado, por sentimentos de humanidade e ainda por interesses econômicos recíprocos, estão dando sobejas provas do seu interesse para cooperar no imenso programa de reconstrução e reabilitação das nações do velho continente libertadas do jugo nazista.

O espetro da fome

A fome, o maior e mais insistente inimigo, de há muito que ameaça a Europa. Vários anos de escassa alimentação causou efeitos deletérios ao corpo e ao espírito de milhões de habitantes. Os norueguês achavam-se em estado extremamente precário quando os nazistas finalmente retiraram-se de sua pátria. Há anos que os seus mantimentos, inclusive os produtos da pesca, foram continuamente requisitados pelos alemães. A Grécia demonstra ser o país mais afetado pela fome. Até chegarem os primeiros recursos alimentícios enviados pelas nações aliadas, a alimentação da população grega estava classificada como "abaixo do nível necessário à subsistência." O povo estava morrendo à fome agravada pelos maus tratos infligidos pela brutalidade do inimigo.

Dudante o longo período do inverno e da primavera últimas, as crianças belgas puderam constatar, por experiência própria, das asserções contidas em seus livros escolares: que a sua pequena e industrializada pátria tem que importar — ou passar fome. Na Holanda, nas vésperas da libertação, os habitantes de Haia estavam se alimentando, como último recurso, de tulipas.

Em face de situação tão premente, a primeira fase da reconstrução — dar de comer a quem tem fome — começou mesmo antes de cessarem as hostilidades. Num dia da primavera, quando os holandês encerrados na área em poder do inimigo, já estavam reduzidos a uma alimentação de 300 a 600 calorias, em contraste com as 2.000 calorias consideradas mínimo para nutrir e manter a saúde, seus rádios avisaram: "Fala aqui o comando aliado. O próximo avião a voar sobre a cidade lançará alimentos, e não



Estes ucranianos, que só foram libertados quando se verificou o colapso nazista, estão sendo socorridos, aguardando o regresso dos seus lares

bombas. Repetimos: Os aviões carregarão alimentos, e não bombas. Observem o local onde caírem os pacotes. Façam uma distribuição equitativa." Sobre os banhados, a 150 metros de altitude, rugiam os aviões americanos e ingleses.

Os aviadores eram aclamados pela população, empunhando bandeiras, lenços e toalhas. Durante quatro horas estiveram os aviões, em grande número, nessa missão, lançando pacotes de gêneros alimentícios. Na Itália, semanas antes da rendição dos alemães ao norte, grupos de voluntários, organizados por médicos e sacerdotes, galgaram as encostas das montanhas, levando mantimentos para várias localidades completamente isoladas. Chegaram depois ainda mais recursos, alimentos, medicamentos e roupas, en-

viados pelos Estados Unidos. Enquanto isto, a Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas, geralmente designada pela sua abreviação inglesa UNRRA, organizou um programa de socorro cuja execução está calculada em 50 milhões de dólares para socorrer as mães e crianças italianas destidas. Ao mesmo tempo, as duas nações que mais longamente tinham sofrido durante a guerra, a Polônia e a Tchecoslováquia, receberam recursos enviados por terra, pela UNRRA.

As áreas russas devastadas foram providas de gado com a volta dos rebanhos que foram anteriormente retirados para pontos no interior, a mais de mil quilômetros, por ocasião da invasão dos alemães. Atenas, que tanto sofreu com a fome,

me, tem agora alimentos em quantidade suficiente para atender às necessidades urgentes da população. Os franceses ainda continuam sob o racionamento, mas agora o que é racionado é, de fato, distribuído, o que não acontecia sob a dominação nazista.

As nações americanas contribuiram generosamente com gêneros alimentícios para o socorro europeu. Durante três meses deste ano a quota dos Estados Unidos, de 395.000 toneladas, foi satisfeita; outras nações forneceram proporcionalmente.

Além do fornecimento de alimentos, o objetivo na Europa é facilitar os criadores e agricultores a suprir as próprias necessidades locais de cada país. Neste sentido são enviados ferramentas.

Carne fornecida pelo Exército dos EUA. aos judeus escravizados pelos alemães em vários países



Sapatos aos milhares destinados às populações das áreas italianas assoladas pela guerra. Este é um carregamento recebido no porto de Nápoles, para ser separado e classificado antes de ser distribuído





A Administração de Socorro e Rehabilitação das Nações Unidas acompanhou os exércitos pela Itália. Na gravura vê-se a distribuição de alimentos, num centro de refugiados, na região ao sul. Na gravura à esq.: depósitos de víveres

quinto da população; a difteria vitimou mais de um milhão de habitantes. Em terras baixas, onde o inimigo destruiu os esgotos, médicos russos, só num ano, examinaram mais de 14 milhões de pessoas com sintomas de malária. Deve-se às vacinas, aos sôrrios e aos dispensários e laboratórios ambulantes a repressão aos surtos epidêmicos. Só num carregamento, por via marítima, destinado à Tchecoslováquia, por exemplo, havia medicamentos para atender às necessidades de 100.000 habitantes, durante um mês, além de um completo aparelhamento de raios X e de outras especialidades. Novas drogas, como a penicilina, e o famoso pó D.D.T., poderoso inseticida preparado nos Estados Unidos pelos laboratórios militares, são elementos de extraordinária valia no combate às doenças contagiosas.

As migrações em massa continuam a superlotar o tráfego das estradas europeias, agravando ainda mais a situação. De um total de *deslocadas*, calculado em 12 milhões de pessoas, homens e mulheres, 9 milhões eram trabalhadores forçados e prisioneiros encerrados na Alemanha. Afim de os ajudar no regresso às suas terras, as autoridades militares aliadas, a UNRRA e vários governos estão tomando constantes providências. Numerosas turmas equipadas com estojos de medicamentos de primeiros socorros, percorrem as estradas, guiando os errantes para pontos de concentração, onde recebem cuidados médicos, alimentos, roupas, etc., e são postos em ligação com os seus respectivos governos, que lhes facilita meios de comunicação com parentes e amigos.

Ainda preocupada com os problemas mais elementares da sua própria sobrevivência, vivendo da mão para a boca, a Europa não pode esperar a sua restauração industrial imediatamente. Contudo, as tentativas continuam. A produção industrial francesa, por exemplo, durante o verão estava-se aproximando de um total estimado em 40 por cento do normal. Facilitando-lhe matérias primas e meios de transporte, há mais fábricas prontas para funcionar na França do que em qualquer outro país da Europa. Rica em terras agrícolas, em madeiras e minerais, a França está em excelente posição para rehabilitar a sua economia, se contar, naturalmente, com o fornecimento de certos materiais críticos.

Airma-se que mil toneladas de maquinismos e 10.000 toneladas de matérias primas essenciais solverão as prementes dificuldades da Europa mais efetivamente do que dez vezes mais o total dessas tonelagens em alimentos. O problema é, essencialmente, dos transportes, marítimos e ferroviários.

Libertado, este pequenino russo escravizado pelos nazistas, saboreia um pedaço de pão com melado, após longo período de privações ➤

mentas, sementes, fertilizantes, maquinário agrícola e outros recursos. A lavoura europeia, entretanto, encontra certas dificuldades causadas pelo fato de os alemães só terem se retirado de muitas áreas quando já não havia mais tempo para o plantio da primavera. Daí o perigo de reinar a fome novamente, quando chegar o inverno. Na Holanda, vastas áreas foram inundadas pelos alemães, com água do mar, em seus últimos e desesperados dias da ocupação.

"Será preciso o suor de muito trabalho, durante muitos anos, para reparar os danos causados pelo mar em poucas semanas," afirmou um agricultor holandês. Grande parte das terras aráveis da Europa será trabalhada no outono, garantindo a produção de cereais e legumes. Mas continua a escassez de carne, laticínios, óleos comestíveis e açúcar. Para estes gêneros, cada povo tem que apelar para os vizinhos mais afortunados. Nos Estados Unidos, entra no seu quarto ano o racionamento de seus próprios gêneros alimentícios, única maneira de haver maior excesso para ser enviado para o estrangeiro.

Outro inimigo — as doenças — é companheiro inseparável da fome na Europa. As estatísticas, conquanto sem caráter oficial, divulgam o fato de haver dobrado e, em certas regiões, triplicado a mortalidade pelo tifo, durante o período da guerra; em alguns países, a tuberculose atacou um

Herbert Lehman (à esq.), diretor-geral de Administração de Socorro e Rehabilitação das Nações Unidas, com o Dr. Ricardo J. Alfaro, diretor panaméno



As fotografias publicadas neste número são das seguintes procedências: Capas e contracapas, respectivamente—Marinha dos EU.U., Burns, Yank, PA, Springfield, BAI; páginas de texto: 2, Acme, PA, Int., 3, Acme, Int., Harris & Ewing, 4, Int., PA, 5, PA, Acme, 8, BAI, 9, BAI, Springfield, 10, 11, 12, 13, Manning-Pix, 14, Acme, Int., Harris & Ewing, 15, Harris & Ewing, Int., Acme, 16, BAI, Acme, 17, Acme, PA, 18, Acme, Int., BAI, 19, BAI, Acme, PA, 20, Parke-Davis, 21, BIG, Universo, 22, Universal, Marrow Bros., 23, PA, BIG, Acme, Int., 25, Acme, 26, Acme, 27, Acme, 28, Acme, PA, Int., 29, PA, Acme, 30, 31, BAI, 32, Marjorie Ashworth, 33, BAI, 34, Acme, 35, Acme, FAEU, 36, FAEU, BAI, Acme, 37, PA, 38, Acme, PA, 39, Acme, PA, 40, Int., Acme, BAI. Abreviaturas: BIG, Bureau of Informações de Guerra; FAEU, Forças Aéreas dos Estados Unidos, BAI, Bureau of Assuntos Interamericanos.

AVISO

E favor comunicar qualquer erro no nome ou no endereço do destinatário, constantes do envelope deste número, a The Office of Inter-American Affairs, Department of Commerce Building, Washington (25), D.C., E. U. A.

